

POESIAS, HISTÓRIAS, E TEXTOS INFANTIS ESPIRITAS

AUTORES DIVERSOS

INDICE

Poesias

Mãe

Mãe

Mãe

Obrigada Mãe

Histórias, E Textos

Palhacinho Triste

A Cobra

Aprendendo a Repartir

Eu Surpresa de Natal

A Balança

A Panela

Gato Andrade

Caminhando Com Jesus, Jesus e as Crianças

Meu Querido Vovozinho

Amor Verdadeiro

Luz Interior

A Lição de Doguinho

Maior Tesouro

Mudar para Melhor

As Aventuras de Luizinho

Boneco História Infantil

Historias de Tiamara: Se Eu Não Fosse

Que é o Amor?

A Doença de Sérgio

A Gatinha Educada

A Resposta Divina

Bafo-de-Onça

A Lagarta Infeliz

Os Filhos do Grande Rei

Início da História

Ouvindo os Conselheiros

A Grande Escola

No Intervalo

Providências do Rei

Auxiliares

Comunicações

Lar

Uniforme

Primeiros Tempos

Depois de Crescidos

Dádivas Menosprezadas

Preocupações do Pai

Primeiro Juiz

Segundo Juiz

A Escola Sublime

Os Príncipes

Esclarecimentos de Cipião

Terminando a História
Historias de Tiamara:
Se Eu não Fosse
O Lobinho Vegetariano
Surpresa de Natal
A Ostrinha Persistente
Juca Lambisca, a Vinda de Juca
A Volta de Juca
Pluma Azul

MÃE

Ana Luíza de Castro Ribeiro*

Mãe, amor eterno, carinho e ternura;
Mãe, opiniões diferentes, respeita as minhas opiniões;
Mãe, sempre atura as minhas crises;
Mãe, me ouve mesmo tendo tantos problemas;
Mãe, amiga e companheira de todas as horas;
Mãe, muita paciência quando estou em fase de críticas;
Mãe, me acolhe em seus braços quando estou com algum problema;
Mãe, me dá conselhos que às vezes acho antiquados;
Mãe, suas lições de moral têm muito valor, não pode-se ignorá-las;
Mãe, parece forte, mas se sente muito triste quando brigo com meus irmãos;
Mãe, quando tem problemas chora às escondidas para não me fazer sofrer;
Mãe, é a minha melhor amiga, sempre me quer bem;
Mãe, mesmo tendo razão, me ouve com muita atenção;
Mãe, faz tudo para que eu seja uma pessoa de bem;
Mãe, pela minha felicidade faz qualquer coisa;
Mãe, mesmo estando doente me ampara quando estou triste;
Mãe, enfim, sempre está comigo em todos os momentos, neste caso, no momento da minha adolescência.

***Concurso de Poesia – faixa etária de 11 a 13 anos**
Notícias da Mocidade – Maio/2000

MÃE

Dagmar Sampaio Caetano

És tão importante
Que nem posso imaginar.
Deus te deu todos os dons
E o maior entre todos
É o dom de amar.
Amar sempre, sem esperar
Da vida nada em troca.
Pois a própria vida te mostra
Nas lutas e provas Deus a te testar.
Tens como amparo a esperança,
E como consolo a fé.
Fé que não se abala.
Esperança que não se acaba.
Vives o amor
No mais profundo sentido.
Pois tem no coração
O amor infinito de Deus.

Notícias da Mocidade – Maio/2000

MÃE

Jean Vitor C. Ribeiro*

Mãe, você é o sol que ilumina a Terra.
Mãe, você é a estrela maior do céu.
Mãe, você é o mar com ondas calmas.
Mãe, você é a luz do mundo.
Você é muito legal, bondosa, carinhosa, inteligente, esforçada e humilde.
Isso vem do seu coração.
Ele é tão grande que cabe todos os corações.
Mãe, Deus me deu vida através de você...
... Não sou um presentão?

***Concurso de Poesia – faixa etária de 7 a 9 anos.
NOTÍCIAS DA MOCIDADE - Maio/2000**

OBRIGADA MÃE

Giane Beatriz da Silva*

Obrigada, Mãe, por abrigar-me em seu ventre sem se importar com as deformidades e desconfortos que lhe causei.

Obrigada, pelas noites sem sono, quando eu chorava simplesmente por querer carinho no meio da noite e você me confortava, me ninava.

Obrigada, pelas vezes que tive medo e sua segurança, seu amor me fizeram vencer na vida.

Obrigada, pela paciência de me ver crescer, dia após dia e só você poderia compreender-me, cada vez que minha língua enrolava e eu não dizia nada.

Obrigada, por dar-me forças nos primeiros passos, nunca me deixando cair e ensinando-me o caminho a trilhar.

Obrigada, por querer sempre o meu bem e levar-me à escola para tornar-me uma cidadã.

Obrigada, por cada rabisco que eu desenhei e você achou lindo e até entendeu a mensagem que eu quis passar.

Obrigada, por todos os remédios certos nas horas exatas de dor e sofrimento.

Obrigada, pelo colo macio e consolador das horas mais pesadas da minha caminhada.

Obrigada, pelo sorriso, pelo aplauso e pelas lágrimas de felicidade quando soube que valeu a pena ser Mãe.

Obrigada, principalmente, por fazer-me conhecer Deus, pois sem Ele eu jamais entenderia o que é ser Mãe e como amá-la.

***Concurso de Poesia – faixa etária acima de 16 anos**

NOTÍCIAS DA MOCIDADE – Maio/2000

O PALHACINHO TRISTE

Tia Célia

Guilherme aproveitara muito bem suas lições na escola e passara de ano, com louvor. Seus pais, muito amorosos, lhe proporcionaram, então, alguns dias de férias numa conhecida cidade litorânea naquela região.

Eufórico, Guilherme arrumou a mala e, juntamente com seus pais e o irmãozinho, num dia muito bonito, saíram em viagem.

Ao chegar, logo à entrada da cidade, viram um circo cheio de luzes coloridas, jaulas com belos animais selvagens, elegantes cavalos e macacos engraçados. Com os olhos estatelados de emoção, Guilherme ouviu seu pai prometer que no dia seguinte iriam assistir ao espetáculo.

No outro dia, à hora aprazada, deram entrada no circo e logo começou a função. Bailarinas, equilibristas, mágicos e trapezistas, alternavam-se com palhaços, macacos engraçados, elefantes enfeitados com pedrarias, domadores de animais e muitas outras coisas...

Com um pacote de pipocas nas mãos, Guilherme acompanhava tudo rindo e batendo palmas, satisfeito.

De repente, olhou um dos palhaços que faziam piruetas e davam cambalhotas no picadeiro. Seu ar, embora o riso aberto, era triste. Quando ele se aproximou mais, Guilherme percebeu que duas lágrimas brilhavam em suas faces pintadas.

Daquele momento em diante, nada mais teve graça, e a figura do palhaço triste não lhe saiu mais da cabeça.

Na manhã seguinte acordou e, em vez de ir à praia, voltou ao circo. As imagens agora eram bem diferentes. Não havia mais belas luzes coloridas e a impressão de luxo e riqueza desvaneceu-se inteiramente. Algumas pessoas faziam a limpeza do local, enquanto outras lavavam e tratavam dos animais.

O garoto perguntou a alguém onde poderia encontrar o palhaço triste e informaram-lhe que ele estava no picadeiro.

Adentrando a enorme lona do circo, agora totalmente vazio, Guilherme parecia ainda ouvir os aplausos e os gritos da platéia.

Logo o viu. Uma pequena figura, sentada no chão, tendo a cabeça entre as mãos.

- Olá! - disse, à guisa de cumprimento.

O palhaço ergueu a cabeça, ao ouvir a voz estranha.

- Olá! - respondeu - O que o traz aqui, garoto?

- Bem, é que eu gostaria de ver um palhaço de perto.

- Ah! Com certeza vai se decepcionar. Sou apenas um homem como qualquer outro.

- Estranho! Sempre pensei que os palhaços deveriam levar vida alegre, sempre sorrindo e brincando, como se a existência fosse uma festa! - exclamou o menino.

- Puro engano, meu filho. Muitas vezes rimos para não chorar - disse, com pesar.

- Agora entendo isso. Ontem mesmo, durante o espetáculo, percebi que você estava triste, por quê?

- Deu para notar?!... A verdade é que estou com problemas muito graves.

E o palhaço lhe contou que estava com a filhinha doente e não tinha recursos para levá-la ao médico. Contente por poder ajudar, Guilherme lhe assegurou:

- Ora, não se aflija! Meu pai é médico e poderá examinar sua filha.

Saiu correndo e, pouco depois, voltou acompanhado pelo pai.

Ficaram impressionados com a miséria do local. O carro em que viajavam, e que lhes seria de moradia, era muito pobre e sem conforto.

O médico examinou a criança e afirmou que ela, além de pneumonia, estava também muito desnutrida, precisando se alimentar melhor.

- Eu sei, doutor. - disse o palhaço - Mas não tenho dinheiro. Ganho pouco e mal dá para as despesas mais urgentes.

- Não se preocupe. Sua filhinha deverá ser hospitalizada, mas ficará boa logo, com a ajuda de Deus.

O médico conduziu a menina para o hospital, onde ela foi medicada. Em seguida, levou uma cesta contendo gêneros alimentícios que dariam para muitos dias e entregou também, ao palhaço, um envelope contendo certa importância em dinheiro.

- Mas, doutor, não sei quando poderei lhe pagar!...

- Não se preocupe. Quero apenas vê-lo fazer as crianças sorrirem.

Depois de alguns dias, a garotinha voltou para casa contente e saudável.

Era o último espetáculo do circo. Iriam levantar acampamento no dia seguinte. Guilherme e seus familiares estavam na primeira fila.

O palhaço aproximou-se, trazendo nas mãos um lindo balão vermelho, amarrado com um cordão. Chegando junto a Guilherme entregou-lhe o balão, com sorriso aberto e feliz.

- Você agora não é mais um palhacinho triste - disse Guilherme.

- Não. Graças a você, posso sorrir novamente. Não sei como lhes agradecer tudo o que fizeram por mim.

O médico, bem-humorado, afirmou:

- É fácil! Faça um espetáculo bem alegre para deixar as crianças contentes.

Com um último olhar agradecido, o palhaço afastou-se dando cambalhotas e fazendo palhaçadas, acompanhado pelo riso das crianças.

Guilherme suspirou, satisfeito. O pai olhou para o menino, com carinho:

- Muitas vezes, o sofrimento e a dor estão onde menos esperamos, meu filho.

E é preciso ter sensibilidade para descobrir onde está a necessidade das pessoas. Se não fosse você, ninguém teria descoberto o problema do palhaço. Muito bem, meu filho, Jesus certamente está contente com você.

E completou;

- A verdade é que onde estivermos podemos ajudar alguém. Basta que tenhamos boa-vontade para isso.

Jornal O Imortal - Nº 552 - Janeiro de 2000

A COBRA

Célia Xavier de Camargo



Caminhando por uma estrada de terra batida, no meio da mata, Lúcia ia tranquila. Morava num sítio das redondezas e dirigia-se à escola, distante uns quinhentos metros de sua casa.

De súbito, dentre a vegetação, surgiu, se arrastando, enorme e ameaçadora cobra. Colocando-se no meio do caminho, ela armou o bote e ficou esperando.

A princípio, assustada, a menina parou. Pensou em voltar. Naquele momento, porém, lembrou-se de tudo o que já aprendera. Sua mãe sempre lhe dizia que tudo na Natureza é criação de Deus, e que devemos respeitar qualquer forma de vida, fosse humana, animal ou vegetal.

Assim, enchendo-se de coragem, tendo o cuidado de manter uma boa distância, dirigiu-se ao réptil dizendo:

Minha amiga Dona Cobra. Nada tenho contra a senhora. Ao contrário, somos todos irmãos, porque filhos de um mesmo Pai, que é Deus. Estou indo para a escola e preciso passar por este lugar, que a senhora está ocupando. Assim, se fizer gentileza de deixar-me passar, eu lhe ficarei muito grata.

A voz da menina, serena e doce, aquietou o animal, que a contemplava com seus olhinhos miúdos. Depois, parecendo compreender o que lhe foi dito, coleou pela terra lentamente, desaparecendo no meio do mato.

Lúcia, grata a Deus pela proteção que lhe dera, continuou seu trajeto até a escola.

Durante horas, ali permaneceu entregue às atividades escolares, esquecendo-se do incidente.

Mais tarde, quase no horário de tocar o sinal para a saída, chegou alguém. Era um homem que tinha socorrido um menino. Ainda assustado, contou ele:

- Eu vinha a cavalo pela estradinha, quando vi um moleque ao longe, na minha frente. Ele tinha um pau na mão, e brincava, batendo nas árvores à beira do caminho, assustando os passarinhos e afugentando os pequenos animais. Percebi quando uma enorme cobra surgiu à sua frente. Quis avisá-lo do perigo, gritar para que ficasse quieto, sem fazer movimentos bruscos, mas não deu tempo. O menino, ágil, levantou o porrete, tentando esmagar a cobra. Ela, porém, foi mais rápida e, dando um bote certo, picou-o

- E o garoto, como está? - perguntou a professora, aflita.

- Felizmente, foi socorrido há tempo. Encontra-se no hospital da cidade, sob cuidados médicos. Como ele estivesse com uma mochila escolar, pelo horário, cheguei à conclusão de que era um aluno que tinha “matado” a aula, e a trouxe para a senhora. Aqui está ela! - disse ele, entregando a mochila à professora.

- É do Roberto! Bem que estranhei ele não ter comparecido hoje à escola! Muito obrigada, senhor. E os pais dele, já foram informados?

- Exatamente por isso vim aqui. Não sei onde ele mora. Se me disser o endereço do garoto, irei avisar à família dele.

A professora explicou onde Roberto morava, e o bom homem despediu-se, apressado.

Após a saída dele, Lúcia comentou:

- Deve ser a mesma cobra que encontrei hoje cedo na estrada!

- É verdade? Você viu uma cobra? Conte-nos! Como foi isso? - quis saber a professora. E Lúcia, diante da classe que a ouvia com atenção, relatou o que tinha acontecido com ela, como se portou diante do perigo e como a cobra se afastou, sem molestá-la.

O silêncio se fez na sala. Todos estavam perplexos e pensativos. Ficou muito claro como o comportamento de cada um determinara uma reação diferente no animal. O respeito de Lúcia e a agressão de Roberto geraram consequências diversas.

A professora, satisfeita com a lição, completou:

- Se Roberto tivesse vindo para a escola, como era seu dever, não estaria agora sofrendo e nem dando preocupação a seus pais. Nada mais há para ser dito. Está terminada a aula.

Tia Célia - Jornal O Imortal - Fevereiro de 2000

APRENDENDO A REPARTIR

Célia Xavier de Camargo

Bruno era um menino que pensava apenas em si mesmo. Não repartia nada com ninguém. Quando ganhava dos avós ou dos tios algum doce, chocolate ou balas, escondia tudo no seu armário. E tão bem fazia que ninguém conhecia seu esconderijo, nem sua mãe. Era seu tesouro. Sabem para quê? Para poder comer tudo depois, na hora em que estivesse sozinho.

A mãe reprovava seu comportamento dizendo:

- Bruno, meu filho, temos que aprender a repartir o que temos com os outros. Não podemos ser egoístas e desejar tudo para nós. À medida que a gente dá, também recebe.

Mas o garoto respondia, mal-educado:

- Eu, hein! Se fui eu que ganhei, tudo é meu! Não abro mão.

Seus irmãozinhos menores, Breno e Bianca comiam os doces que tinham ganhado e Bruno ficava só olhando, pensando no prazer que teria depois ao apreciar tudo sozinho no seu quarto. Porém, Bruno ia brincar e se distraía, esquecendo que havia guardado os presentes. E o tempo ia passando.

Um belo dia, os irmãos de Bruno entraram em casa trazendo um pacote de balas e de pirulitos cada um. Vinham contentes, exibindo os doces que tinham ganhado de um senhor que passara na rua distribuindo guloseimas para as crianças.

Bruno, que estava dentro de casa, nada ganhou, e fez bico:

- Eu quero também! Eu quero! Dá um pouco pra mim?

Mas Breno retrucou, decidido, com a aprovação de Bianca, a menorzinha:

- Não dou não. Você nunca reparte nada com ninguém!

Bruno, irritado e com cara de choro, respondeu:

- Egoístas! Não faz mal. Tenho muita coisa guardada. Não preciso de nada! Vocês vão ver!

E correu para o quarto, seguido de perto pelos irmãos, curioso de ver onde ficava o esconderijo que Bruno escondia tão cuidadosamente e que eles nunca tinham conseguido descobrir. Bruno abriu a porta do guarda-roupa, retirou uma gaveta e, no fundo, num espaço vago, bem escondidinho, lá estava tudo o que ele tinha ganhado e que conservara.

Com ar de triunfo, enfiou a mão e foi retirando chocolates, doces, bolos, balas, diante dos olhos arregalados dos pequenos. Mas, ó surpresa! Com espanto, Bruno notou que os seus doces estavam com aspecto muito feio: os chocolates estavam velhos, os doces tinham se estragado, os bolos estavam azedos, as balas meladas.

Terrivelmente decepcionado, Bruno percebeu naquele instante que, em virtude do seu egoísmo, não repartira nada para ninguém. E, pior que isso, constatou que ele mesmo não aproveitara as coisas tão gostosas que lhe tinham dado com tanto carinho. Agora, infelizmente, esta tudo estragado e teria que ser jogado no lixo. Sentou-se na cama e, cobrindo a cabeça com as mãos, começou a chorar.

Seus irmãos, que apesar de pequenos, tinham bom coração, aproximaram-se dele e Breno disse:

- Não fique triste, Bruno.

E, sob seu olhar surpreso, repartiram fraternalmente com ele tudo o que tinham ganhado naquele dia.

- Eu não mereço a generosidade de vocês. Aprendi nesse momento importante lição. Entendo agora que mamãe quer dizer quando afirma que à medida que a gente dá, recebe. Eu nunca dei nada e nada mereço, mas vocês provaram que têm um bom coração. A partir de hoje, vou procurar ser menos egoísta. Prometo!

O Imortal - Agosto de 2000

SURPRESA DE NATAL

Tia Célia

Num bairro muito pobre, na periferia de uma grande cidade, morava Paulinho.

De coração bom e generoso, era estimado por todos.

Em sua casa, faltava quase sempre o necessário. O pai trabalhava duro na roça como bóia-fria, mas ganhava pouco. A mãe, apesar de dar duro lavando roupas para as famílias mais abastadas, também não recebia muito.

Assim, tudo o que ganhavam era gasto em alimentação, aluguel da casa, água e luz.

Paulinho sonhava com roupas, calçados e brinquedos que via nas vitrines e que nunca poderia ter.

Vestia-se muito pobremente, andava descalço e brincava de faz-de-conta, à falta de um carrinho ou de uma bola.

Apesar de tudo, era feliz, porque amava a todas as pessoas e todos o amavam também.

Pela manhã ia à escola. Ao retornar, ajudava a mãe nos serviços domésticos. Depois, saía para a rua. Sempre aparecia o que fazer.

Prestativo, com sorriso no rosto ajudava a quem estivesse precisando.

Dona Vitória dava-lhe a incumbência de pagar uma conta urgente.

- Claro, dona Vitória. Fique tranquila. - respondia ele.

Outra hora, passando pela rua, alguém o chamava:

- Paulinho, você faria companhia a Ritinha, enquanto vou fazer compras? Sabe como é, ela é paralítica e pode precisar de alguma coisa enquanto eu estiver ausente...

- Com prazer, dona Benedita.

Aproveito e conto a ela uma história que aprendi na escola.

- Obrigada. Ela fica muito feliz quando você está por perto.

E lá ia Paulinho para a casa de dona Benedita. Entrava, e um lindo sorriso abria-se no rosto da menina de dez anos que, em virtude de uma paralisia infantil não podia andar.

- Ô menino, me ajude a chegar até em casa. Vamos, tenho pressa!

Ninguém gostava do seo José porque era muito ranzinza, mas Paulinho não se incomodava com o jeito dele.

- Claro, seo José. Como vai sua saúde? Melhorou da bronquite?

Assim, escorando o velho, com muita paciência e boa vontade, Paulinho acompanhou conversando alegremente.

Ele era assim com todos.

Generoso, não apenas ajudava, mas repartia sempre o que ganhava.

Certo dia encontrou uma pedra muito bonita. Era lisinha e brilhava como o Sol, limpou-a bem e guardou-a com carinho. Mais adiante, porém, encontrou André um menino pequeno que chorava. Tinha levado um tombo e o joelho estava doendo. Paulinho, não teve dúvidas. Tirou a pedra do bolso da calça e afirmou:

- Está vendo esta pedra, André?

- Ela é mágica e vai tirar a sua dor. Fique com ela. É sua!

O garotinho olhou encantado para a pedra e parou de chorar, abrindo um sorriso agradecido.

Na escola, Paulinho ganhou um livro de histórias e logo pensou:

- Vou dar para Ritinha.

Certamente, ela precisa mais dele do que eu. Posso fazer um montão de coisas, mas minha amiga Ritinha só pode ficar naquela cama ou na cadeira de rodas.

O Natal se aproximava. A cidade estava toda bonita, cheia de luzes, de cores e de alegria. Paulinho tinha muita vontade de ganhar um presente, mas sabia que era impossível. Seus pais não tinham dinheiro para isso. Contudo, sempre de bom ânimo, ele pensava:

- Para que quero presente? Jesus já me deu tanta coisa! Tenho saúde, pais amorosos, amigos... nada me falta!

No dia de Natal, Paulinho saiu de casa. Queria encontrar os amigos. Mas, todos tinham desaparecido. Não encontrou ninguém.

Voltou para casa um pouco triste. Afinal, era Natal, dia em que se comemora o nascimento de Jesus, e ele queria cumprimentar seus amigos.

À tardezinha vieram lhe avisar que dona Benedita queria falar com ele.

Sem demora, dirigiu-se até a casa dela. Estranhou que estava tudo escuro. Já era noite e as luzes continuavam apagadas. Bateu devagarzinho.

A porta se abriu e – oh! surpresa! – as luzes se acenderam e ele foi recebido com uma salva de palmas.

Olhou ao redor. A pequena casa de dona Benedita estava cheia de gente. Todos os seus amigos estavam ali, até o seo José! Tinha árvore de Natal e enfeites pelas paredes.

- Mas... mas o que está acontecendo? – gaguejou espantado ao ver todo aquele povo ali reunido.

Ritinha sorriu e explicou:

- Resolvemos fazer uma festa para você, Paulinho! Por tudo o que você tem feito a todos nós, receba o nosso agradecimento.

- E, tirando de debaixo das cobertas uma caixa, falou:

- Este é o meu presente! FELIZ NATAL!

Sem poder acreditar no que estava acontecendo, com lágrimas nos olhos, Paulinho viu a cara de um cachorrinho malhado de preto e branco, com uma fita vermelha amarrada no pescoço.

Tomou o animalzinho nos braços, acariciando-lhe o pêlo sedoso.

- Nem sei como agradecer, Ritinha! Sempre quis ter um cachorrinho!

- Pois não agradeça. Você merece muito mais!

Todos o abraçaram desejando-lhe boas festas, inclusive seus pais, também presentes, muito orgulhosos do filho. Cada um lhe entregou um pacote. Dona Vitória, uma roupa que tinha costurado especialmente para ele. Seo José, um par de sapatos que fora do seu filho. O pequeno André entregou-lhe um carrinho, outro um estojo e assim ganhou uma porção de presentes.

Enxugando as lágrimas, Paulinho abriu os braços e só conseguiu dizer cheio de emoção:

- Obrigado! Obrigado! FELIZ NATAL para todos!

E naquela noite, tiveram uma festa animada e agradável exemplificando a fraternidade e a solidariedade que deve prevalecer no coração de todas as criaturas, lembrando a terna mensagem de Jesus.

Célia Xavier de Camargo – Rolândia PR - Jornal O Imortal - Dezembro 1999

A BALANÇA

Quando menino eu vivia brigando com meus companheiros de brinquedos. E voltava para casa lamuriando e queixando-me deles. Isto ocorria, as mais das vezes, com Beto, o meu melhor amigo.

Um dia, quando corri para casa e procurei mamãe para queixar-me do Beto ela me ouviu e disse o seguinte:

- Vai buscar a sua balança e os blocos.
- Mas, o que tem isso a ver com o Beto?
- Você verá... Vamos fazer uma brincadeira.

Obedeci e trouxe a balança e os blocos. Então ela disse:

- Primeiro vamos colocar neste prato da balança um bloco para representar cada defeito do Beto. Conte-me quais são.

Fui relacionando-os e certo número de blocos foi empilhado daquele lado.

- Você não tem nada mais a dizer? Eu não tinha e ela propôs: Então você vai, agora, enumerar as qualidades dele. Cada uma delas será um bloco no outro prato da balança.

Eu hesitei, porém ela me animou dizendo:

- Ele não deixa você andar em sua bicicleta? Não reparte o seu doce com você?

Concordei e passei a mencionar o que havia de bom no caráter de meu amiguinho. Ela foi colocando os blocos do outro lado. De repente eu percebi que a balança oscilava. Mas vieram outros e outros blocos em favor do Beto.

Dei uma risada e mamãe observou:

- Você gosta do Beto e ficou alegre por verificar que as suas boas qualidades ultrapassam os seus defeitos. Isso sempre acontece, conforme você mesmo vai verificar ao longo de sua vida.

E de fato. Através dos anos aquele pequeno incidente de pesagem tem exercido importante influência sobre meus julgamentos. Antes de criticar uma pessoa, lembro-me daquela balança e comparo seus pontos bons com os maus. E, felizmente, quase sempre há uma vantagem compensadora, o que fortalece em muito a minha confiança no gênero humano.

Da obra: E, para o resto da vida de Wallace Leal V. Rodrigues
Jornal Mundo Espírita - Fevereiro de 2000

A PANELA

A velha empregada de minha família era uma preta.

Chico, o neto dela – como é costume acontecer quando não temos irmãos -, era o meu companheiro constante de brincadeiras e folguedos.

Em tudo quanto fazíamos, à parte de Chico era sempre a mais pesada, secundária e passiva.

Ele tinha sempre que dar e, nunca, que receber.

Um dia corri para casa, à saída da escola porque Chico e eu tínhamos projetado construir uma vala que fosse do poço à lavanderia.

Sem darmos por isso, cada um de nós assumiu logo o seu papel, - como de costume -.

Chico era o “condenado” a trabalhos forçados, suando e repetindo esforços. E eu o implacável guarda, com uma vara na mão!

A maneira como eu estava maltratando aquele menino negro, era quase digna de um adulto imbuído de preconceitos de cor.

Foi quando a nossa preta velha chamou-nos:

- Crianças, venham pôr a minha panela no fogão!

Corremos para a cozinha. A panela estava no chão e nós a agarramos com ambas as mãos. Mas com um grito a largamos, perplexos de que ela nos tivesse mandado pegar uma coisa que, - era evidente que sabia, - estava extremamente quente.

Em seguida, em graves brandas palavras, tão nítidas e simples que até hoje as posso escutar, partindo do fundo do tempo, disse-nos assim:

- Ora! Vocês dois se queimaram. Que coisa mais engraçada! A cor da pele de vocês é tão diferente, mas a dor que estão sentindo é igual para ambos, não é verdade?

Concordamos que sim.

E nunca mais pude me esquecer desse episódio que sem dúvida alguma, fez de mim uma pessoa diferente.

Da Obra: E, Para o resto da Vida

De Wallace Leal V. Rodrigues

Fonte Jornal Mundo Espírita Março de 2000

O GATO ANDRADE

"Tia" Avelânia

Meu nome é Joca e, modéstia à parte, sou o mais forte, o mais corajoso e mais bonito bicho do jardim. Sou um belo cão. Fora eu, mora aqui, o gato Andrade. Desculpe-me, mas ele e nada é a mesma coisa.

Ele dorme o dia inteiro, quando acorda anda pelo jardim roncando. Cheguei a pensar que fosse doença, mas descobri que ele tem uma saúde de ferro, seu rosto é pura manha. Toda semana o seu Rocha me molha, me esfrega... Nunca ninguém dá banho no gato Andrade, pensam que ele é asmático. Dá raiva olhar um bichano tão folgado, que passa a vida dormindo e se espreguiçando feito um paxá. Às vezes, me escondo atrás da moita, arregando os dentes e dou um bote. O Andrade é louco pra levar um susto à toa.

(Adaptado da Coleção Leporelo)

Suplemento Literário Crítico Informativo da Cultura Espírita
Maio/1999 - n.º 232

CAMINHANDO COM JESUS

JESUS E AS CRIANÇAS

Rita Foelker

Todos queriam chegar perto de Jesus, porque seu olhar acalmava a alma e seu toque curava o corpo, porque seu sorriso iluminava os corações tristonhos e sua voz falava aos anseios mais profundos dos Espíritos. Por isso, um dia, algumas pessoas apresentaram a Jesus suas crianças, para que ele as tocasse.

Os discípulos, entendendo que o Mestre não devia ser incomodado, pois precisava descansar, quiseram impedi-las.

- O Mestre está muito cansado, vão embora!

Mas Jesus, vendo isto, repreendeu os discípulos:

- Deixai vir a mim as criancinhas, e não as afasteis. O Reino de Deus é feito de homens e mulheres parecidos com elas. Eu vos digo, em verdade, que quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará.

É que as crianças são naturais, alegres, verdadeiras, confiantes. Têm o sentimento puro, que brota da alma, sem o ser confundido pelo orgulho, pelo desejo de ser mais importante que os outros, de ser admirado.

Então os discípulos foram buscar as pessoas que se afastavam e, quando as crianças viram que Jesus as chamava, vieram correndo para os seus braços. E assim se passou um bom tempo. Jesus ofertava às crianças tanto carinho e atenção, que elas o abraçavam, ou se aninhavam no seu colo, e lhe faziam perguntas que ele respondia com todo amor e sinceridade.

E só depois de conversarem bastante, as crianças e aqueles que as acompanhavam se despediram, e Jesus e os discípulos se puseram a caminho.

Suplemento Literário Crítico Informativo da Cultura Espírita

Maio/1999 - n.º 232

MEU QUERIDO VOVOZINHO

Todas as tardes após a escola eu e meus amigos, íamos jogar bola no campinho que ficava ao lado da casa de seu Antenor.

Seu Antenor é um homem de meia idade que sempre implicava com os vizinhos, com o calor, com as crianças, nada servia para ele.

E os meninos por sua vez, não deixavam o pobre velho em paz.

Um belo dia ao voltar para casa, Pedrinho passou em frente a casa de seu Antenor e o viu chorando abraçado a um retrato. Quando chegou em casa contou à dona Helena.

- Mamãe ao passar pela casa de seu Antenor o vi chorando junto a um retrato. Pensei que ele não chorava mais, pois ele é sempre tão ranzinza.

- Ora Pedrinho, foi o meio que ele encontrou para esconder seus verdadeiros sentimentos.

- Não entendi mamãe?

- Algumas pessoas como seu Antenor que já sofreram muito na vida, com a perda da família; esposa, seu único filho, usam agressividade para se defender. Acreditam que assim não vão sofrer mais.

- Isso é um engano, pois, acabam sofrendo mais. Ninguém vive sem amor. Você meu filho que é um menino bom, deve sempre que tiver oportunidade, ajudá-lo com muito carinho.

Seu Antenor é muito só, e o evangelho sempre nos ensina a amar e a respeitar os mais velhos.

A noite Pedrinho sonhou com seu querido vovozinho, pedindo para que ele tratasse seu Antenor como seu avô e que o amasse muito.

Pela manhã na escola contou aos seus amiguinhos a conversa com sua mãe e o sonho com seu avô, então resolveram pedir desculpas a seu Antenor e para que ele aceitasse ser o avô deles, já que muitos não tinham avô e outros o avô morava muito longe.

Seu Antenor ficou muito contente, e disse emocionado:

- Eu serei o melhor avô do mundo.

"Essa história nos faz lembrar quantos vizinhos idosos nós temos, e, quantos velhinhos nos asilos estão esperando apenas um abraço, um beijo, uma palavra amiga".

Nós nunca devemos desrespeitar os mais velhos, pois são pessoas que já viveram muito e merecem todo nosso carinho e respeito.

Revista Consciência Espírita - Fevereiro/2000

AMOR VERDADEIRO

Pobre borboletinha! Vivia a sonhar em ser um dia a Grande Rainha, sonho esse acalentado desde seus tempos de lagarta.

Quando, em sua metamorfose, fez-se linda, tomou-se de cores vivas e tornou-se brilhante.

Brilhante?... Era bonita, quase aveludada.

Nossa irmãzinha viajava muito! Não tinha pouso fixo. Um dia, porém, cansada, resolveu alojar-se em um lindo roseiral.

Ali passou a viver conformada com seu destino. Porém, indagava-se:

- Senhor, porque tão bonita e tão sozinha? Ninguém para admirar minha beleza! E meus sonhos? Nunca serão realizados? Onde irei arrumar um príncipe?

Através de um único amigo, o Besouro, conheceu o lindo e charmoso Borbolosal, vindo de fina família, que se enamorou de nossa amiguinha, levando-a para morar em seu jardim de margaridas.

No início, tudo era festa! Mas, Borbolosal começou a se decepcionar com a companheira, que reclamava atenções só para ela. E o ciúme? Era um horror! Até mesmo do compadre Besouro, que não podia conversar com o amigo Borbolosal.

Assim, tornou-se possessiva e autoritária. No reinado, todos a respeitavam e temiam pela sua autoridade; até alguns companheiros serviçais foram maltratados.

Borbolosal cada dia tornava-se mais triste, sem esperança; saía sem destino e alojava-se em lindo girassol.

Um dia, apareceu por lá uma linda borboletinha amarela, que vendo-o tão triste, perguntou:

- Que se passa, meu amigo? Perdeste algo?

Fitando aquela criaturinha tão humilde, o coraçãozinho de Borbolosal encheu-se de esperança.

- Vivo a fugir da realidade! Aqui venho para sonhar.

- Amigo, é necessário que sonhes, mas o Criador deseja que possas viver a vida que pediste.

Nesse momento, Borbolosal responde:

- Pensei que havia morrido minha esperança, mas percebo que você, irmãzinha, a trouxe de volta. E pôs-se a contar sua história.

Depois de grande relato, a borboletinha Amarela quis conhecer Brilhante, sua esposa. E qual não foi a surpresa de Borbolosal, ao notar que Brilhante gostou muito de Amarelinha e que as duas tornaram-se boas amigas.

Assim, Borbolosal continuava vivo, com o conforto do amor impossível, e suportando todas as suas dificuldades com mais resignação.

A borboletinha Amarela ensinou a humildade e a resignação à irmãzinha Brilhante, que ouvia seus conselhos, mas os seguia muito pouco.

Mas Borbolosal e Amarelinha conseguiram algumas mudanças em Brilhante, porém, à causa de muito sacrifício.

Um dia, Amarelinha pediu ao Criador que a levasse para as montanhas, pois estava sentindo que aquele sentimento pelo Borbolosal crescia de maneira estranha.

Então o Criador fez a sua vontade. Amarelinha partiu para sempre, com a esperança de um dia se reencontrarem, pois o amor era recíproco.

Desde então, o casal viveu bem muito anos.

Conta a lenda que, quando a morte de Borbolosal, Amarelinha apareceu, e ambos, se reencontrando, foram felizes para sempre.

“Crianças, o amor verdadeiro é renúncia, tolerância e confiança no Pai Criador”.

Tiamara

Boletim Informativo Ação Espírita - Nº 40 - Abril/Maio/Junho de 1999

LUZ INTERIOR

Tiamara

Prisma era um peixinho que vivia solitário em um pequeno rochedo submerso. Quase não saía de casa, devido a uma deficiência motora, que dificultava a sua locomoção.

Quando nasceu ninguém sabia dizer, e muito menos dizer quem eram seus pais.

Muitos moradores daquela aldeia sabiam apenas que Prisma era uma criaturinha diferente dos outros de sua espécie.

Às vezes o peixinho colocava sua cabecinha para fora do pequeno rochedo para abocanhar algas frescas.

Eu sabia da sua vida e das suas dificuldades, porque Prisma era meu vizinho.

Quem sou eu?

Meu nome é Conchilda e sou uma concha velha, mas muito observadora. Via Prisma sair quase todas as noites e ficar olhando para o grande clarão da lua que refletia nas águas, e isso chamava minha atenção.

Às vezes eu me perguntava o quê será que Prisma pensava!

Um dia tomei coragem e aproximei-me do peixinho, que estava envolto em seus pensamentos, a olhar distante para a luz, e disse:

- Por que olha tanto?

Sem tirar os olhos da luz, delicadamente disse:

- Procuo respostas.

- Respostas para quê?

- Resposta para compreender a minha existência – e prosseguiu: Às vezes a luz se torna forte, dando-me uma grande sensação de segurança, e posso até me sentir vitorioso.

Eu pensei: Como vitorioso?! Afinal, o pobre mal podia bater sua barbatana!

Dei um pequeno sorriso e tentei conter minha emoção, e lhe disse:

- Não compreendo você!

- Nem queira Conchilda, porque para sermos vitoriosos precisamos aceitar o inevitável.

Pensei... o quê seria inevitável?!

- Conchilda, nossa existência é a obra máxima do Criador.

- Como?!

- Olha, imploramos para ser criados e pouco agradecemos pela nossa existência. A vida, por si só, já é uma benção, e devemos agradecê-la sempre, ainda que não sejamos perfeitos, pois deve haver uma razão justa para isso.

- Você agradece ao Pai Criador, Prisma?

- Sim, todas as noites venho aqui e fico a admirar a luz, e oro ao Criador pelas dádivas maravilhosas que Ele nos concede.

Fiquei calada. Como podia um peixe feio, defeituoso e solitário pensar ainda em agradecer ao Criador?! Muitos outros sadios vivem a cobrar do Criador!

Mas refleti profundamente sobre como Prisma aceitava a sua vida, e reconheci a grandeza de sua alma superava as suas limitações físicas. Naquela noite, aprendi com ele a despertar para a vida e acender a minha luz interior, pela oração ao Pai.

Hoje, já sem Prisma ao meu lado, procuro ajudar meu semelhante, ensinando sobre o poder da prece e falando da importância da confiança na luz que existe em nós.

Crianças:

Para conquista a luz interior é necessário abrir o coração para Deus, agradecendo sempre a Sua Luz, que nunca nos falta.

Boletim Informativo Ação Espírita

A LIÇÃO DE DOGUINHO

Doguinho é um cãozinho preto com pintas brancas. Ele mora com seus pais, dona Pintada e seu Preto, em uma casa com um bonito jardim.

Doguinho não é um cãozinho obediente. Sempre reclama para ajudar nas tarefas do lar e nunca quer tomar banho.

Dona Pintada sempre diz:

- Você precisa tomar banho, filho. Se ficar sujo vai adoecer e encher-se de pulgas!

Mas ele não obedecia. Achava que seus pais não tinham razão reclamava e se escondia em baixo da cama!

Um dia Doguinho resolveu fugir. Pensou: “Se eu fugir não terei mais que tomar banho, nem obedecer à ninguém”.

E fugiu. Andou muito, encontrou outros cachorrinhos e brincou o dia todo. Quando anoiteceu seus novos amigos foram para casa e Doguinho ficou sozinho, em um lugar estranho, sem ter para onde ir. Quis voltar para casa, mas estava perdido. Com fome e frio, latiu muito, reclamou, mas ninguém lhe deu atenção.

O cãozinho pensou em sua cama quentinha, no carinho de seus pais e se arrependeu de ter fugido de casa. Sentou em um canto da calçada e, com medo, chorou baixinho. Lembrou-se, então, de fazer uma prece, pedindo a Deus que lhe ajudasse a voltar para casa.

Pouco tempo depois, ouviu um latido:

- Doguinho! Doguinho!

Eram seus pais, procurando por ele. Doguinho ficou muito feliz em vê-los. Agradeceu a Deus pela ajuda e abraçou-os forte. Prometeu ser um filho obediente e nunca mais fugir de casa.

Boletim Informativo Sear - Nº 18 - Maio de 2000

O MAIOR TESOURO

Tiamara

Ela procurou pelo filho por toda parte. Onde haveria de encontrá-lo? Afinal, era ainda tão pequenino... Como não se preocupar!

Embora às vezes fosse severa demais, nada justificava aquele sumiço.

Procurou, procurou... Foi então que se lembrou de que seu bebê gostava muito de doce.

"Quem sabe ele não estaria a procurar algum?" - pensou ela.

Assim, imediatamente, Dona Abelhinha tomou o primeiro vôo com o Senhor Besouro e foi até a Usina de Açúcar, mas infelizmente, tinha se enganado, seu bebê não estava por ali.

Retornou para sua casinha tristonha. Onde mais procurá-lo?

Seu amigo Louva-deus lhe deu uma sugestão:

- Será, Dona Abelha, que seu bebê não se encontra em casa de amiguinhos?

Assim, incansavelmente, se pôs a procurá-lo e somente parou com a chegada da noite, afinal era difícil enxergá-lo.

Deixou a busca para o dia seguinte. Mas como dormir em paz? Onde ele estaria? Como estaria? Com frio? com fome? com medo?...

Dona Abelhinha em prece suplicou auxílio ao Pai Criador. Dormiu e sonhou com seu filhinho e com seus primeiros vôos, suas primeiras lições ao sabor do néctar das flores. E dormiu...

No dia seguinte, lá estava a pobre mamãezinha disposta a iniciar a sua busca quando o Senhor Besouro lhe disse:

- Dona Abelha, já procurou seu bebê entre os lírios?

- Ainda não!

- Pois deveria!

- Como sabes?

- Tenho lá meus pressentimentos!

Dona Abelha voou entre o lodo, lá estavam os lírios brancos a perfumar e embelezar tudo e todos a sua volta.

Sentiu paz, e qual não foi a sua surpresa quando ouviu uma voz fraquinha a chamar:

- Mamãezinha!...

Sim, era o seu bebê, ele estava atolado no lodo.

Voou para socorrê-lo.

Feliz pela presença da mãe, batia as asinhas, saltitante.

- Meu filho, que susto me deu. O quê fazes aqui, tão longe do nosso lar?

- Desculpe-me mamãezinha, procurava...

- O quê meu filho?

- A flor mais linda para presenteá-la. E quando a encontrei, fiquei tão emocionado que não percebi e me atolei.

Dona Abelha, também emocionada, abraçou seu bebê e falou com carinho:

- Vamos filho, para nossa casa, mamãe não precisa da flor mais linda e mais perfumada, eu já tenho você.

Assim, o filho beijou a sua mãe, confiante e feliz, porque sentiu realmente que era o seu maior tesouro.

Criança:

Acredite, se têm a graça de ter sua mamãezinha junto de você, agradeça a Deus. Valorize-a, respeite-a e ame-a muito. E nunca deixe de lembrar que você é o tesouro mais valioso de sua mãe.

Ação Espírita - Outubro/Novembro/Dezembro de 1999

MUDAR PARA MELHOR

Pedrinho era um menino preguiçoso. Tinha preguiça de estudar, de ler, de desenhar e até de brincar.

A mãe de Pedrinho, dona Lili, é doceira, faz doces para vender. Pedrinho costumava ir junto com ela entregar os pedidos, ajudando a carregar os confeitos, mas reclamava sempre.

Um dia, dona Lili foi entregar uma torta em uma Escola e Pedrinho foi junto.

Logo que chegaram Pedrinho ficou esperando em uma enorme sala onde estavam muitos alunos.

Ele observou um pouco e viu que eram crianças especiais: algumas não falavam, outras não enxergavam ou não ouviam; mas todas se comunicavam por sons, gestos ou mímicas. Elas estavam aprendendo animadamente uma música.

Em um canto dois alegres garotos desenhavam com pincéis. Pedrinho reparou que eles tinham apenas uma das pernas. Ficou impressionado com a alegria e a vontade de aprender deles.

Ele não viu ninguém triste, reclamando ou com preguiça. Sentiu que havia muito amor e respeito naquele local, pois as crianças ajudavam umas as outras.

Lembrou-se de seu corpo perfeito, de sua família legal e dos muitos amigos que tinha. Concluiu que devia aproveitar a vida para aprender e ajudar os outros, como aquelas crianças estavam fazendo.

Pouco tempo depois, dona Lili retornou e eles foram embora.

A experiência daquela tarde Pedrinho nunca mais esqueceu. Deixou de lado a preguiça e o mau-humor e se tornou um garoto alegre e estudioso. E dona Lili ficou contente porque Pedrinho mudou para melhor, muito melhor.

Boletim Informativo Seara – Junho de 2000

AS AVENTURAS DE LUIZINHO

Maria Helena Fernandes Leite

Luizinho era o caçula dos cinco irmãos de uma família fraterna. Todos já trabalhavam, menos Luizinho. Quando atingiu a idade de nove anos, também lhe fora atribuída uma tarefa, pois os pais queriam ensinar-lhe o valor do trabalho.

Quando Luizinho começou a trabalhar, passou a revelar uma certa insatisfação.

Oh! Que vida, trabalhar debaixo deste sol. Se chovia... Como esta chuva atrapalha o meu serviço.

Quando frio, resmungava... Estou tiritando de frio.

Luizinho precisava ver com seus próprios olhos o valor das coisas. Um dia sonhou que estava do tamanho de um polegar e dentro de um frasco. Chegou um garoto, encheu o frasco de água e sabão e começou a fazer bolhas de sabão. Numa dessas, lá foi Luizinho pelo ar, numa bolha. O vento batia... batia... e ele subia cada vez mais. O vento o levou para bem alto, e ele estava admirando o céu azul, quando passa por ele uma gaivota branquinha que lhe diz:

- Olá Luizinho! Que está fazendo por aqui?

- Passeando – respondeu o menino – Mas você me conhece?

Sim, falou a gaivota. Você é aquele menino resmungão Resmunga do sol, da chuva do vento, do frio... Passo sempre por aqui e do alto eu o ouço por causa das vibrações que circulam na atmosfera. Bem, até logo amigo. Preciso trabalhar para levar alimento aos meus filhotes.

Já estava escurecendo, quando o vento conduziu a bolha sobre um ramo florido. Ali ele ficou. Quando amanheceu, o sol surgia majestoso, dando vida a tudo. Ficou deslumbrado em presenciar que com a presença do sol, as flores iam se abrindo e exalando um perfume... E ele podia ver de perto! Oh meu Deus! Que maravilha! Estava extasiado quando uma abelha veio sugar o mel, depois outra e mais outra. E pensou no trabalho dessas abelhinhas, nesse vai e vem contínuo. Algo tocou o seu íntimo e começou a sentir a grandeza das coisas. Nisso o vento bateu no ramo florido, levando a bolha sobre uma plantinha ressequida, quase sem folhas, sedenta, parecia sem vida, quase morrendo. Uma nuvem escura se aproximou, o sol desapareceu, e começa a cair os primeiros pingos d'água. E ele pode ver como aquela plantinha saciava sua sede. A cada gota, era como um sopro de vida. Seus raminhos caídos, já se colocavam mais altivos. E observar o próprio vento que o conduzia, ora mais alto, ora mais baixo e notou que junto ao vento, muitas sementinhas bailavam, o vento pousou a bolha num capim macio, perto delas. Ali Luizinho ficou. Veio o sol, a chuva, e eis que ele vê desabrochar do solo uma plantinha. Ela foi crescendo, dando folhas, flores, e surgem os frutos.

De repente, ouve-se um burburinho. Eram crianças que vinham apanhar os frutos e saboreavam felizes, graças ao vento, ao sol e a chuva. Nesse instante ele agradeceu a Deus a grandeza da vida e de tudo que ELE fez por nós. Luizinho despertou, guardando no seu coraçãozinho a grandiosidade do ensinamento e passou a trabalhar feliz.

A Nova Era – Julho de 1985.

O BONECO

HISTÓRIA INFANTIL

Wallace Leal V. Rodrigues

Um dia vovó comentou que os doces feitos por ela e minha mãe naquela manhã haviam desaparecido do armário. E não sabia o que tinha sido feito deles.

Embora nenhuma das duas parecesse de qualquer forma preocupada com a ocorrência, eu imediatamente disse:

- Foram roubados.

Elas me olharam surpreendidas, mas foi vovó quem estabeleceu conversaço comigo.

- Você tem certeza? Ela perguntou.

- Tenho! sustentei. E foi o Pedrinho.

Pedrinho era um dos meus irmãos. Vovó insistiu:

- Você tem certeza?

- Se tenho! Foi o Carlucho quem me contou.

- Minha filha, disse ela tranquila, passando o seu braço pelo meu, venha até o meu quarto. Quero lhe mostrar uma coisa.

No quarto ela abriu a gaveta de uma cômoda e tirou, lá de dentro, um boneco que eu nunca tinha visto.

- Veja como está bem vestido!

Eu não estava entendendo. Aquilo nada tinha a ver com o caso dos doces. Ela prosseguiu:

- Vá dizendo o que mais lhe chama a atenção neste boneco.

- Tem uma bonita roupa, uma camisa linda! Respondi ao observar os punhos, o peitilho e o colarinho impecáveis.

Assim que terminei de falar, minha avó tirou o paletó do boneco. Cai na gargalhada quando vi que da impecável camisa só havia os punhos, o peitilho e o colarinho.

Mas, de súbito, compreendendo, me tornei muito séria.

E vovó, abraçando-me a sorrir, disse concluindo:

- Veja você como são as coisas. A gente só pode crer naquilo que vê. E do que se vê, muitas vezes é preciso acreditar apenas na metade. Você percebeu por que?

Já se passaram muitos anos... Mas, sempre que sou levada, por certa irreflexão tão comum nos seres humanos, a julgar fatos ou pessoas pelas aparências, vem-me à lembrança a impecável camisa daquele boneco da vovó...

Mundo Espírita - Abril de 2000

HISTORIAS DE TIAMARA:

SE EU NÃO FOSSE

Pedro foi à praia passear na casa de sua tia Sebastiana e logo saiu para conhecer as redondezas. Voltou desanimado: como iria passar quinze dias sem amigos, sem vizinhos, sem brinquedos?!

Tia Sebastiana, notando a tristeza do sobrinho, sugeriu:

- Pedrinho, amanhã vá até o final da praia e ande por lá ... Quem sabe encontrará um amigo para brincar.

No dia seguinte, Pedrinho, no final da praia, encontrou um barraco, ao lado de um velho barco. Aproximando-se, vê Joãozinho, que voltava do serviço de engraxate, e com ele puxa conversa:

- Você mora aí?

- Moro. E você? É dessas bandas?

- Não, sou de São Paulo, da Capital. Estou passeando na casa de minha tia. Vamos brincar um pouco?

- Num dá!

- E amanhã!

- Só depois das quatro, pois estudo e trabalho.

- Então fica combinado, amanhã à tarde.

Seu Ferreira, velho pescador, cansado pela idade e pelo trabalho, ouvia a conversa de dentro do barco que lhe servia de morada, e falou consigo mesmo:

- Parece que o meu pequeno vizinho arrumou um novo amigo.

Na tarde seguinte, à hora combinada, chega Pedrinho.

- Joãozinho, de que vamos brincar?

- Você que sabe!

- Vamos catar conchinhas?

- Não quero não! Andei o dia inteiro por aí engraxando e carregando a caixa. Estou cansado.

- Então não sei.

- Vamos brincar de escolher o que queremos ser?

- Bom – disse Pedrinho -, em vez de criança, quero ser toda a areia da praia.

- Que bobo! Ser grãozinho de areia! Ninguém liga para areia, trazem até toalha para sentar em cima.

- Então quero ser o sol.

- Mais bobo ainda! O sol só aparece de dia e as pessoas se escondem dele embaixo do guarda-sol.

Então quero ser a lua.

- Mas a lua é como o sol! É chato. Quando o sol vem ninguém se lembra da lua, e quando é noite ninguém lembra do sol.

- Ei, está difícil! Ah! Já sei. Quero ser Jesus!

Levando as mãos à cabeça, Joãozinho se espantou:

- Jesus! Mas tem que ser bom.

Quando bater numa face, tem que dar a outra também e, depois, ainda vem uns homens ruins e batem e te pregam numa cruz!

- Você tem razão! Pensando melhor... quero ser... Deus!

- Deus!!!... – exclamou Joãozinho, não fala nada? Acho que te peguei!

Nesse instante, sai do barco o velho Ferreira.

- Quem quer ser Deus aí?

- Eu. Meu nome é Pedrinho.

- Olha, você ia trabalhar tanto.

Não ia ser fácil. Veja este mar, você deveria enchê-lo de peixes; olhe a natureza, os pássaros, as flôres, quanto você teria que trabalhar.

- Quer dizer que Deus não tem descanso? Nem final de semana?

Nem feriado? Nem férias!?

- Isso mesmo! Ele trabalha sem cessar, mantendo a vida e o universo.

Coçando a cabeça, Pedrinho concluiu:

- Pensando bem, acho que prefiro ser menino e criança.

E foram-se os dois pela praia dando gargalhadas.

Então, seu Ferreira, com os olhos em lágrimas, falou:

- Sabe, Deus? O Senhor é o único mesmo, sempre.

Ação Espírita – Julho/Agosto/Setembro de 2000

O QUE É O AMOR?

Eliane de Araujo

Numa sala de aula, havia várias crianças. Quando uma delas perguntou à professora:

- Professora, o que é o amor?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta inteligente que fizera. Como já estava na hora do recreio, pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio da escola e trouxesse o que mais despertasse nele o sentimento de amor.

As crianças saíram apressadas e, ao voltarem, a professora disse:

- Quero que cada um mostre o que trouxe consigo.

A primeira criança disse:

- Eu trouxe esta flor, não é linda?

A segunda criança falou:

- Eu trouxe esta borboleta. Veja o colorido de suas asas, vou colocá-la em minha coleção.

A terceira criança completou:

- Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho junto com outro irmão. Não é uma gracinha?

E assim as crianças foram se colocando.

Terminada a exposição, a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo. Ela estava vermelha de vergonha, pois nada havia trazido.

A professora se dirigiu a ela e perguntou:

- Meu bem, por que você nada trouxe?

E a criança timidamente respondeu:

- Desculpe, professora. Vi a flor e senti o seu perfume. Pensei em arrancá-la, mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por mais tempo. Vi também a borboleta, leve, colorida! Ela parecia tão feliz que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho caído entre as folhas, mas, ao subir na árvore, notei o olhar triste de sua mãe e preferi devolvê-lo ao ninho. Portanto professora, trago comigo o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que senti nos olhos da mãe do passarinho. Como posso mostrar o que trouxe?

“A professora agradeceu a criança e lhe deu nota máxima, pois ela fora a única que percebera que só podemos trazer o amor no coração”.

Livro: Histórias para sua Criança Interior

Autora: Eliane de Araujo

Editora: Roc

Enviada por e-mail por: Terezinha Costa de Souza

e-mail: terezinh@antares.com.br

A DOENÇA DE SÉRGIO

TEMA: BOAS MANEIRAS NA ESCOLA

Sérgio era um forte garoto de cinco anos. Todos o achavam inteligente e esperto; Já frequentava a escola. Entretanto, suas atitudes não eram de criança educada.

Não ouvia os conselhos de sua mãe, d. Lídia, que o alertava sempre:

— *Meu filho, você precisa ter modos bonitos e boa educação para com as pessoas. É muito feio não se comportar bem quando estamos com as outras pessoas!*

Porém, Sérgio não se modificava. E continuava sempre o mesmo: cada vez mais fazendo estrepolias. Por isso, não tinha amigos. Todas as crianças que o conheciam, depois de um certo tempo, não mais o queriam nas brincadeiras.

No ano seguinte, Sérgio passou para o Pré-Primário e foi para um grande Colégio. Logo ficou conhecido, devido à sua falta de boas maneiras.

Quando no pátio, à hora do recreio, rodopiava sua lancheira, batendo no rosto dos colegas, segurando-a pela alça. Deixava cair a caneca que voava longe, muitas vezes assustando algum colega distraído. Quando parava, ria-se a valer, ao verificar o descontentamento de todos. Sempre que via alguns meninos conversando juntos, tudo fazia para separá-los.

Se estava sentado no chão, colocava propositalmente o pé na frente de quem ia passando, para que tropeçasse e caísse.

Por tudo o que fazia, Sérgio nunca era convidado para participar dos jogos e das conversas.

Na classe, conversava durante a aula, dando palpites enquanto a professora explicava, atrapalhando a lição. Levantava-se do lugar, a todo o momento! Era mesmo insuportável! D. Clarinha, a paciente professora, vivia a dizer-lhe:

— *Sérgio, comporte-se! Um dia se arrependerá de ser assim!*

— *Qual nada, dizia ele. Adoro brincar!*

Certo dia, durante o recreio, Sérgio sentiu-se mal. Doía-lhe o estômago, sentia náuseas, tontura...

— *Acho que pulei muito, após o almoço. . - Chame alguém, por favor. Estou-me sentindo muito mal.*

O colega que estava por perto o ouviu, e pensou tratar-se de mais uma de suas malvadas brincadeiras. Afastou-se dali, sem lhe dar atenção.

Sérgio colocou-se de pé, com dificuldade, mal conseguindo andar, sentindo dores na cabeça. Apesar da tontura, caminhava esbarrando nos garotos, que o empurravam, dizendo:

— *Tenha modos, Sérgio! Veja por onde anda!*

Sérgio piorava a cada momento. E aborrecido, pensava: — *Que gente ruim, por que será que ninguém me acode?* E com grande dificuldade chegou à sala das professoras, que o socorreram, preocupadas. Deitaram-no no sofá, e, em seguida fizeram-no beber um remédio. Em casa, sua mãe chamou o médico. Sérgio estava com indigestão! Durante dois dias, Sérgio teve de tomar amargos remédios para sarar. Nesse tempo em que precisou ficar em repouso, recordou, com tristeza como havia passado mal e seus colegas não haviam acreditado nele. Perguntou à sua mãe:

— *Mamãe, por que não acreditaram que eu estava mal? O que fiz para que não acreditassem em mim?*

Pacientemente, D. Lídia lhe falou:

— *Você foi o único culpado! Devido às suas péssimas atitudes, todos julgaram tratar-se de outra de suas brincadeiras, que não têm nenhuma graça.*

O menino, atento, percebia como vinha agindo errado. Sempre sem maneiras educadas, sem respeitar os outros. Sentiu como foi horrível não ser respeitado na hora em que mais precisava de ajuda. Prometeu a si mesmo que haveria de se modificar.

Sérgio voltou para a escola, mas não era mais o menino de antes. Corrigiu-se e passou a ser respeitado e estimado por todos.

A GATINHA EDUCADA

TEMA: BOAS MANEIRAS NO LAR

Mimi era uma linda gatinha que vivia no quintal de uma casa muito grande.

Vivia com sua pequenina família: Mamãe Gata e Papai Gato.

Apesar de pequena ainda, Mimi era uma gatinha muito bem educada. Quando chegava da escola, guardava seu uniforme, guardava os cadernos, tomava o seu banho, e ia correndo perguntar à Mamãe Gata se ela precisava de alguma ajuda.

Sentava-se junto à mesa e enxugava os talheres; varria a cozinha; comprava o leite e o peixe para o almoço, ajudando assim a mamãe; durante todo o dia.

Fazia as tarefas da escola direitinho, e com muito capricho. Era querida por todos, e sentia-se muito feliz por isso.

Gostava muito da mamãe e do papai. Eram seus amigos e viviam como tal. Aonde um ia, lá se iam os outros. Até os vizinhos falavam: — *Que família bonita! Que gatinha educada eles criam!*

Mimi se esforçava sempre por agradar aos pais.

Certo dia, d. Miau, sua vizinha, foi visitar Mamãe Gata. Mamãe Gata não estava, pois fora ao mercado.

Mimi recebeu d. Miau, com muita alegria. Ofereceu-lhe uma cadeira, e pensou, pensou. Uma laranjada!

Pediu licença à d. Miau e foi fazer uma gostosa laranjada. Pegou a laranja e subiu numa cadeira para pegar o copo. Estava alto demais! Ficou na pontinha dos pés e... a cadeira virou!! Pobre Mimi bateu a cabecinha no chão!

Mamãe Gata ia chegando e correu com d. Miau para acudir Mimi. Apesar de machucada. Mimi pensava:

O mais importante é ser educada e servir às pessoas.

A RESPOSTA DIVINA

Quando na assembleia dos Eleitos se cogitava de perpetuar a mensagem de Jesus, renascida no espiritismo, junto aos homens, emoção e ansiedade tomaram os corações angélicos. Sábios da Erraticidade opinavam pela divulgação do livro imortal; místicos acostumados aos longos testemunhos da solidão e da renúncia sugeriam a caridade para atender à aflição dos milênios; santos enrijados pelo trabalho da abnegação e aureolados pelas virtudes apresentavam a disseminação da oração como ponte de ligação com os Altos Comandos da Vida; cientistas aclimados às longas pesquisas e às árduas labutas laboratoriais apontavam a necessidade de difusão do fenômeno mediúnico em linhas de segurança; os heróis da Fé optavam pela fomentação de lutas infatigáveis em que se testassem as resoluções dos crentes, como valiosos meios para as refregas contra as trevas.

Era necessário, afirmavam todos, manter aceso o ideal espírita-cristão nas horas que se desenhavam rudes para o porvir.

Constatada, entretanto, a impossibilidade de reencarnações, em massa, dos numerosos seareiros do Reino, as sugestões exigiam ponderações e estudo. Alguém, que se encontrava em silêncio, opinou que se consultassem os Céus em fervorosa prece à busca da inspiração divina.

Enquanto os corações se fundiam num só sentimento de comunhão oracional, orvalho sidéreo, em flocos prateados, caiu sobre os prepostos do Senhor, abençoando-lhes a rogativa. Todavia, num deslumbramento de luzes, fulgurava um coração — símbolo do amor e da maternidade, tendo ao centro o Evangelho do Mestre aberto no doce convite: **“Deixai que venham a mim os pequeninos...”**.

Narraram os apontamentos espirituais que, desde então, anualmente reencarnam-se espíritos comprometidos com o programa da Evangelização espírita-cristã junto às criancinhas, a fim de disseminarem o Verbo Divino, perpetuando nas mentes e nos corações a revelação Kardequiana sob as bênçãos de Jesus Cristo, pelos tempos a fora.

Amélia Rodrigues

(Recebida por Divaldo Pereira Franco em 28-01-1996, Salvador-Bahia, do livro Evangelho e Educação de Ramiro Gama, pg. 7)

“BAFO-DE-ONÇA”

TEMA : HIGIENE BUCAL

João era um menino muito bom. Era querido por todos, por ser muito prestativo. Onde alguém precisasse de ajuda, lá estava o João. Porém, João tinha um hábito muito feio: não gostava de escovar os dentes. Sempre que terminava de almoçar ou jantar, arranjava uma desculpa para sair correndo para a rua. Por isso, seu apelido era “Bafo-de-onça”. Aborrecia-se com isso, mas não podia evitar que o chamassem pelo feio apelido.

Seus pais, constantemente, o repreendiam.

— João, escove os dentes! Vai ficar com os dentes pretos e cariados. Um dia se arrependerá de não escová-los!

— Meu filho, não se esqueça de escovar os dentes antes de sair...

— Não posso. O Patuca e o Carlinhos estão me esperando. Vamos jogar futebol no campinho. Depois, eu não gosto de escovar os dentes. Perco muito tempo!

E os dentes de João foram ficando feios e cariados. Quando começava a falar, ninguém ficava por perto. Cheirava mal! Quando entrava na classe, diziam logo:

— Lá vem o “Bafo-de-onça”. Certo dia, foram todos os alunos de sua classe convidados para trabalhar no teatro da escola. Era muito divertido participar do teatrinho. Vestiam roupas bonitas, usavam mascaras, às vezes ficavam horas e horas com d. Carmem, ensaiando. Todas as crianças se reuniram no salão de festas da escola, para escolher os que iriam trabalhar no teatrinho. Todos estavam entusiasmados! Um dos alunos iria ser o Rei, e ficaria sentado num trono dourado! O outro, seria o Príncipe, muito garboso e valente, e usaria uma roupa azul, com um escudo de prata. E o último, seria um Caipira, com as roupas remendadas e um chapéu de palha.

João logo pensou em ser o Rei. De qualquer jeito, pensava ele, seria o Rei.

— Eu quero ser o Rei! disse João. Eu vou ser o Rei!

— Não pode! gritaram todos. Você só poderá ser o Caipira. Tem os dentes estragados, nem mesmo será preciso pintá-los. Rei não tem dentes pretos.

João afastou-se dali, chorando. Nunca passara tanta vergonha! E como tinha vontade de ser o Rei no teatrinho! Pensando bem, seus colegas tinham razão. Seus dentes estavam muito feios. Não poderia mesmo ser o Rei.

Resolveu escovar os dentes, como sempre o aconselhavam os pacientes pais. Foi ao dentista, e, cuidando sempre dos dentes, estes, com o tempo, ficaram branquinhos e sadios.

No ano seguinte, Joãozinho foi convidado para ser o Príncipe, no teatrinho da escola.

A LAGARTA INFELIZ

Tia Célia

Num jardim muito agradável e florido vivia uma lagarta que se sentia sempre muito infeliz.

Na verdade, ali ela tinha tudo o que precisava.

Passeava pelas plantas e se alimentava de folhas bem verdinhas e macias, e se abrigava entre os ramos das árvores.

A lagarta era muito boa, prestativa e gostava muito de ajudar os outros, mas quem?

Todos a temiam e fugiam dela exclamando:

- Que bicho feio!

Os garotos caçoavam dela e maltratavam a pobrezinha, que corria a esconder-se entre as folhas.

Por isso, ela vivia muito triste. Possuía um coração terno e amoroso e queria muito ter amigos, mas não conseguia aproximar-se de ninguém.

Os próprios bichos a olhavam com desdém, dizendo:

- Vejam que roupa mais feia!

E a pobre lagarta ficava cada vez mais triste e sozinha, até que, cansada de tanto ser maltratada ela não saiu mais de casa.

Não podendo aproximar-se de ninguém, ainda assim querendo doar algo de si mesma, ela fez a única coisa que sabia fazer: teceu lindos fios para que alguém pudesse aproveitar confeccionando belas roupas. Como tinha muito tempo à sua disposição, ela trabalhou bastante.

Enrolou-se toda no casulo e ficou quietinha... quietinha...

Estava com tanto sono! Sentia-se tão cansada...

E a lagarta dormiu... dormiu...dormiu...

Quando acordou, sentiu-se diferente, mais leve, mais bem disposta.

Teve vontade de passear e saiu de casa.

Notou que todos os que estavam por perto a fitavam com surpresa e admiração.

- O que está acontecendo? – pensou. Olhou-se e ficou deslumbrada.

Oh! Maravilha! Era um lindo dia e, sob os raios do sol morno da manhã, ela percebeu que se transformara em uma linda borboleta de asas coloridas e cintilantes.

Sem poder conter a emoção do momento, satisfeita da vida e muito, muito feliz, ela bateu as asas brilhantes e, depois de beijar as perfumadas flores do jardim, voou para o infinito.

JORNAL VERDADE E LUZ - julho/ 2001

(fonte: "O Imortal").

OS FILHOS DO GRANDE REI

Espírito Veneranda

O VELHO CIPIÃO

Quando a criançada pediu ao velho Cipião lhe falasse do amor que Jesus dedicava aos meninos, o ancião de cabelos nevados contemplou longamente o céu, como quem procurava recordações distantes, e informou:

- Oh! sim! O Cristo, Nosso Senhor, amava os pequeninos com todo o coração e costumava acolhê-los no próprio regaço...

A observação inicial do velhinho realizara o milagre do silêncio. Todas as crianças aguçaram ouvidos, atentas. Até os meninos maiores, que estimavam a brincadeira barulhenta, aproximaram-se dele, respeitosos, à escuta.

Satisfeito com a atenção geral, o narrador fez uma pausa comprida, sorriu e continuou:

- Os apóstolos, de quando em quando, repreendiam a petizada, mas o Mestre chamava novamente os pequenos, acariciando-os, cheio de amor...

Nesse ponto, Dolores, a menorzinha do grupo, interrompeu a narrativa, perguntando:

- Vovô Cipião, Jesus contava histórias aos meninos?

- Oh! Como não! – exclamou o bondoso velho. – Contava muitas...

- O senhor sabe alguma, vovô? – perguntou a pequenina curiosa.

Cipião, trêmulo, amparou-se no antigo cajado para melhor acomodar-se sob a copada árvore da praça grande, ergueu de novo os olhos embaciados para o céu muito azul da tarde brilhante, e respondeu:

- Sim, eu sei uma história que o Mestre contou aos meninos galileus...

- Conte! conte!...

O INÍCIO DA HISTÓRIA

A SOLICITAÇÃO vinha de todos os lados. Dolores achava-se tão ansiosa que se acercou ainda mais, debruçando-se nos joelhos do velho Cipião.

O ancião, como todas as pessoas bem educadas, gostava das crianças de boas maneiras e, reconhecendo o respeitoso interesse de todas, começou, sem embaraço, ante a curiosidade geral:

- Prestem muita atenção!

A pequenada fez absoluto silêncio.

E o velhinho prosseguiu:

- O rei de todos os reis, bom e altíssimo Senhor, que possui vastos impérios resplandecentes e a cuja autoridade se submetem todos os seres e coisas da Criação, reparou que alguns dos seus filhos, meninos e meninas, necessitavam de maior sabedoria, a fim de entrarem na posse da herança, constituída de infinitas riquezas que lhes reservava. Os jovens tinham a inteligência muito verde ainda e, por isso, eram ignorantes, indecisos... Fazia-se necessário, criar trabalho através do qual os herdeiros felizes pudessem adquirir, não somente o amor para com os semelhantes, mas também a ciência do Universo. O rei magnânimo e sábio, ocupado em governar os extensos domínios do seu reino sem fim, não podia mantê-los ao pé de si, uma vez que não desejava conservá-los como bonequinhos de enfeite e, sim, como filhos fortes e bem orientados, trabalhadores e leais. Para isso, os jovens precisavam de elevação própria e experiência da vida.

OUVINDO OS CONSELHEIROS

O NARRADOR fez pequenino intervalo e prosseguiu:

- Foi então que o poderoso Senhor convocou a presença dos filhos mais velhos, sábios e bons, transformados em cooperadores e conselheiros de suas imensas obras, a fim de ouvi-los sobre o futuro destino dos príncipezinhos ignorantes.

Exposto o assunto pelo soberano, os colaboradores começaram a opinar com alegria:

- Não seria interessante criar um paraíso repleto de belezas absolutas? – disse um deles.

Outro, porém, considerou:

- Não seria melhor um jardim cheio de flores, onde os jovens crescessem tranquilamente?

- Não poderíamos construir um templo coroado de eterna luz e de eterna harmonia para abrigá-los? – perguntou ainda outro.

Iniciou-se extenso movimento de comentários, em torno das três opiniões recebidas, e, quando os conselheiros levaram os pareceres ao grande rei, ele esclareceu paternalmente:

- Aproveitaremos as três sugestões a um só tempo. Considerando que os príncipes necessitam crescer, adquirindo valor próprio, edificaremos para eles uma grande escola, que tenha a beleza dum paraíso, a delicadeza dum jardim e a sublimidade dum templo, na qual encontrem recursos para o aprendizado e para o trabalho, conquistando, por si mesmos, a sabedoria e a glorificação.

Os conselheiros sentiram-se muito felizes com a determinação e retiraram-se satisfeitos.

A GRANDE ESCOLA

O REI ordenou a edificação de um mundo maravilhoso, num dos recantos do seu império infinito. Seria esse mundo a grande escola dos pequenos príncipes necessitados de educação.

Turmas enormes de obreiros atacaram os serviços.

Atendendo aos seus conselheiros esclarecidos e benevolentes, o soberano autorizou a organização de mares e florestas, cheios de beleza e perfume, à maneira de lagos divinos e jardins de perpétua formosura; recomendou que muitas luzes gloriosas dos seus altos domínios permanecessem à mostra e que doces harmonias vibrassem nos ares, de modo que os filhos se sentissem, na escola, tão jubilosos e felizes como se vivessem num paraíso ou num templo.

Entretanto, para que os jovens não se esquecessem da necessidade de serviço e estudo, mandou que muitas flores tivessem espinhos; que a tempestade retivesse permissão para lavar de vez em quando os horizontes azuis; que as águas nem sempre se mantivessem tranquilas. E para que os filhos nunca perdessem de vista o caminho de retorno ao seu augusto amor, deu-lhes a luz dos olhos e do raciocínio como inseparável companheira de realização.

Foi então criada a enorme escola, sob as vistas do grande rei, com a cooperação ativa de inúmeros servidores. Organizadas, porém, as bases da volumosa edificação, era necessário examinar os pormenores do trabalho, de acordo com as necessidades do aprendizado.

NO INTERVALO

NESSE ponto da história, o narrador começou a tossir.

Cipião parecia tão cansado!... Os meninos sabiam que ele fazia longas peregrinações. O velhinho, porém, era forte e, embora os achaques da idade, nunca perdia o sorriso bom.

Observando que a interrupção se tornava mais longa, Ninita, uma das meninas maiores do grupo, aproximou-se dele e perguntou, carinhosa:

- O senhor tem fome, vovô?

- Não, minha filha – disse o velho, confortado.

- Tem sede?

- Também não.

Os meninos, contudo, não mostravam maneiras tão distintas.

Um deles ergueu a voz e indagou, menos respeitoso:

- E essa escola existiu de fato?

- Como não? –olveu o narrador, benevolente – e ainda existe.

Diante da afirmação do velhinho, o interlocutor interrogou, deslumbrado:

- Poderemos vê-la?
 - Perfeitamente – respondeu Cipião, sem titubear.
- A criançada ia entrar em ruidosos comentários. Acendera-se forte curiosidade em todos os rostos. As perguntas choveram de todos os lados, mas Cipião, sorridente, observou:
- Deixem-me continuar.
- Calaram-se as crianças, de súbito, e, de novo, reinou o silêncio.

PROVIDÊNCIAS DO REI

ENTÃO, o bondoso Cipião pigarreou mais uma vez e prosseguiu:

- Depois de organizados os mares e florestas, o Grande Senhor passou a tratar de vários departamentos da escola. A situação dos príncipinhos preocupava-lhe o amor paternal e, valendo-se dos conselheiros e trabalhadores de seu reino, procurou garantir-lhes a saúde e a alegria, o trabalho e o estudo. Construída a escola, em pleno céu, mandou o soberano que, ao lado dos mares enormes e das matas imensas, fossem colocadas montanhas e vales, longas planícies e picos prodigiosos, repletos de riqueza e verdura.

Para que não faltasse claridade viva ao educandário, ordenou o rei que toda a construção se efetuasse sob vigoroso foco de luz criadora, cujos raios fizessem o dia, proporcionando vida e calor em abundância; e, para que a noite não escurecesse a escola, totalmente, recomendou a instalação de lâmpada suave e enorme, reconfortando a região com abençoado luar.

O soberano, cheio de sabedoria e carinho, em todas as providências sempre revelou a maior atenção, relativamente ao problema da luz, para que os seus filhos, ainda jovens, nunca se mergulhassem nas trevas do entendimento.

AUXILIARES

OBSERVANDO que os serviços básicos da escola estavam prontos, o Grande Senhor chamou os conselheiros e lhes falou com bondade:

- Desejo confiar aos meus filhos alguns vegetais preciosos dos meus celeiros, a fim de que suavizem a luta do ganha-pão nos dias do futuro.

E, em breve, as árvores frutíferas eram cultivadas nos grandes patrimônios do educandário, junto dos legumes tenros e substanciosos. Troncos robustos estenderam traços verdes, carregados de flores e frutos; arbustos delicados derramaram grãos preciosos, e ervas frágeis ofereceram saborosas folhas. Para que produzissem harmoniosamente, determinou o rei que as chuvas fossem divididas e controladas.

Quando se misturavam, viçosos e triunfantes, os jardins e os pomares, o soberano convocou novamente os cooperadores e disse-lhes:

- Pretendo entregar aos meus filhinhos auxiliares amigos que os ajudem, gratuitamente, no aprendizado.

Para isso, confiaremos à escola alguns seres ainda fracos de inteligência, que possam auxiliá-los, recebendo deles, ao mesmo tempo, carinho e educação.

Desde essa hora, numerosos animais foram trazidos ao educandário maravilhoso. Aves formosas e amigas povoaram os ares, louvando o Grande Senhor e purificando a atmosfera. Bois, cães, muare e ovelhas, ao lado de muitas outras criaturas úteis, passaram a cooperar, em favor dos pequenos príncipes, para que as lutas lhes fossem menos ásperas.

Esboçando largo sorriso de contentamento, o velhinho calou-se e passou o olhar pelo bando á-lacre...

COMUNICAÇÕES

DEPOIS de pequena pausa de repouso, ante os meninos atentos, Cipião continuou:

- A escola era um verdadeiro paraíso, repleta de flores e luzes, harmonias e encantos naturais, quando o Soberano, sempre interessado no bem-estar dos filhos, chamou os colaboradores e explicou-lhes:

- Em meu cuidado paternal, receio que os meus herdeiros menores cresçam absolutamente isolados uns dos outros. Se progredirem separados, em definitivo, na conquista da Ciência, talvez inventem conflitos e choques sem razão de ser. Edifiquemos para eles todas as comunicações possíveis, todos os recursos de intercâmbio, para que cultivem a fraternidade e o entendimento justo. Os colaboradores cumpriram-lhe as ordens, imediatamente.

Orientando extensas turmas de trabalhadores, dirigiram-se para as montanhas, em cujo interior havia volumoso depósito de água fresca, e organizaram fontes numerosas, através de pequenas aberturas, formando assim rios maiores e menores, facilmente transformáveis em valiosas vias de comunicação. Além disso, estradas enormes foram rasgadas, naturalmente, ao longo de colinas e planícies, para que os príncipes não encontrassem motivo de insulamento prejudicial, aprendendo, com todas as instalações indispensáveis ao seu desenvolvimento, os princípios de solidariedade fraterna.

O LAR

Não contente em aplainar as dificuldades do início, tornando os príncipes e as princesinhas tão ricos de dádivas, o Grande Senhor fez mais.

Sabendo que os filhos se caracterizavam por gostos diferentes, o Amoroso Pai concedeu-lhes a bênção do lar, facilitando-lhes os trabalhos e realizações.

Certas meninas apreciavam as flores, acima de tudo; outras encontravam nos livros a maior alegria, outras ainda se sentiam mais felizes no serviço manual. Acontecia o mesmo com os rapaziños. Alguns davam tudo para que os deixassem nos trabalhos de agricultura, outros preferiam a arte ou a ciência. Observando nessa atividade um estímulo vigoroso ao progresso geral, o Rei Poderoso e Bom determinou aos colaboradores a edificação do santuário doméstico, de modo que os filhinhos se reunissem, segundo as afinidades pessoais.

Foi então organizado o lar nos imensos territórios da grande escola, como verdadeiro ninho de vida e amor. Esse ninho possuía lugares apropriados para as refeições e palestras, para o trabalho e descanso. Findas as ocupações e estudos do dia, os jovens poderiam reunir-se aí, à noite, como num templo de carinho e compreensão fraternal, de acordo com as preferências sentimentais de cada grupo, trocando idéias e experiências úteis e cultivando a paz e a oração, a caminho da maioridade.

Desde essa ordem paterna, foi construído o lar, na abençoada escola destinada ao entendimento e aos júbilos da família.

O UNIFORME

O ANCIÃO fez mais longa pausa diante dos meninos surpreendidos.

Aproveitando o silêncio, a pequena Dolores indagou timidamente:

- Vovô Cipião, e Jesus contou se os príncipes foram para a escola?

- Sim – respondeu o velhinho sorridente -, todos eles obedeceram às determinações paternas.

- Como? – tornou a perguntar a pequena curiosa.

- Muito zeloso da fraternidade que deveria reinar entre os filhos, o Devotado Pai recomendou o uso de um só uniforme para o educandário, concedendo-o, com grande riqueza, aos príncipes queridos. Todos, sem exceção, deveriam envergá-lo nos estudos e experiências, embora se diferenciasssem, entre si, nas tendências, pensamentos e aspirações.

Fazendo gracioso gesto com as mãos enrugadas, o ancião prosseguiu:

- Os príncipes chegaram muito pequeninos à escola, porque a confecção do vestuário concedido pelo Rei, para as lições e estudos de cada dia, subordinar-se-ia a certas leis do educandário maravilhoso, edificado em pleno céu... Meninos e meninas chegaram em bando, através dos vales e

dos montes, para o curso de crescimento e perfeição, todos vestindo o mesmo uniforme, igual na formação e nos característicos, apenas variando quanto à cor, pois os uniformes eram brancos, avermelhados, bronzeados, amarelos, pardos e negros. A diversidade das cores, contudo, não implicava separação, porque os príncipes eram filhos e herdeiros do mesmo Senhor.

PRIMEIROS TEMPOS

Os primeiros tempos de recepção dos príncipes assinalaram-se por grandes e dilatados trabalhos de toda ordem.

Muitos não se adaptavam aos uniformes e voltavam da escola, medrosos e envergonhados. Outros acovardavam-se diante da extensão das águas e das florestas e não se animavam a atacar o trabalho, abandonando o vestuário, precipitadamente. Outros, ainda, declaravam-se doentes, depois dos primeiros dias de lições e serviços.

O Poderoso Rei, todavia, não se zangou, nem se aborreceu. Cuidando dos pequenos herdeiros com extrema ternura, determinou que os abnegados cooperadores de sua obra solucionassem as dificuldades do educandário. E os mensageiros do Grande Senhor vieram em número elevado, a fim de estudar os problemas e resolvê-los.

Com enorme dedicação, melhoraram a atmosfera, para que o ar fosse mais agradável aos meninos; organizaram mais perfeito escoamento para as águas; ajudaram os príncipezinhos a descobrir os frutos mais doces e saborosos; ensinaram-lhes a trazer o uniforme bem limpo; deram-lhes lições valiosas no trato com os animais; prestaram-lhes esclarecimentos sobre o fogo e a água; aproximaram-nos uns dos outros, para que aprendessem a cultivar a fraternidade e a proteção mútua; puseram-lhes a prece no coração e nos lábios, e auxiliaram-nos a olhar o alto, cheios de confiança no Poder do Pai Amoroso e Supremo Governador.

Desde então, com o socorro eficiente dos emissários generosos, os pequenos herdeiros passaram a desenvolver-se com tranquilidade e segurança.

DEPOIS DE CRESCIDOS

QUANDO chegou a este ponto da história, Cipião mostrou indisfarçável tristeza nos olhos e parou de falar por alguns minutos, como se estivesse lembrando alguma coisa muito importante.

Nenhum dos ouvintes lhe interrompeu os pensamentos.

Finda a grande pausa, continuou:

- Mas os príncipes, para quem o Poderoso Rei criou tão formoso reino escolar, depois de crescidos sentiram-se seguros em seus uniformes e em seus lares e, desviando a inteligência, esqueceram o Pai Compassivo e criaram perigosos monstros, dentro de si mesmos, com os quais passaram a se aconselhar. Os colaboradores diretos do Grande Rei continuaram ensinando o bem e a verdade, a paz e o equilíbrio. Entretanto, os aprendizes não quiseram ouvi-los por mais tempo. Os monstros que eles próprios haviam criado envenenaram-lhes o coração, dizendo-lhes que a escola era absoluta propriedade deles, que deveriam dominar em torno de suas residências como verdadeiros e únicos senhores.

Em breve, os filhos do Grande Rei, esquecendo os deveres que lhes cabiam desempenhar, começaram a humilhar, derrubar e perseguir. Destruíram árvores veneráveis sem plantar outras que as substituíssem; organizaram caçadas aos animais pacíficos, matando-os sem necessidade; aprisionaram os pássaros e passaram a fazer o que é mais doloroso – combateram-se uns aos outros, em guerras de sangue, deixando misérias e ruínas atrás de seus passos. Para adquirirem supremacia e poder, honras e autoridade, assassinaram mulheres e crianças, velhos e doentes incapazes de fazer mal.

DÁDIVAS MENOSPRESZADAS

O GRANDE rei, a princípio, não levou em consideração tamanhos desatinos.

- “Os filhos eram ainda muito jovens” – afirmava ele aos cooperadores fiéis.

E, interessado em auxiliar os pequenos príncipes com todos os recursos ao seu alcance, mandou que os mensageiros lhes trouxessem embarcações para incentivarem as relações amigas uns com os outros; maquinaria com que revolvessem o solo, facilitando os serviços da lavoura; carros para auxiliá-los nos transportes e teares para a confecção de tecidos diversos. Preocupado, ainda, em tornar a vida mais agradável na grande escola, o Pai Amoroso determinou aos colaboradores que ensinassem aos príncipes o alfabeto com que pudessem fixar os pensamentos, a arte para embelezarem o santuário doméstico e a indústria e o comércio a fim de desenvolverem a fraternidade e o espírito de serviço.

Os filhos do Grande Rei, todavia, longe de se aproveitarem de tantos bens para serem mais sábios e compassivos, utilizaram os recursos divinos para fomentar a discórdia e a destruição, chegando alguns deles a sustentar o secreto desejo de serem mais poderosos que o próprio Pai, aniquilando-o, talvez.

PREOCUPAÇÕES DO PAI

O SOBERANO, embora fosse tão ofendido, não se revoltou nem se magoou, porque todo pai tem reservas infinitas de amor.

Observando, porém, que os filhos lhe desobedeciam às ordens, perturbando a harmonia da escola e destruindo os próprios bens, convocou nova reunião dos colaboradores, de modo a ouvi-los sobre as providências que lhe competia tomar.

Reconhecendo as justas preocupações do Rei, os conselheiros passaram ao movimento de opinião.

Um deles considerou que seria melhor destruir o educandário e começar outra experiência educativa.

Outro consultou o Soberano quanto à possibilidade da aplicação de pesados castigos aos príncipes rebeldes e ingratos.

O Poderoso Senhor, no entanto, dedicava muito carinho à escola e muito amor aos filhos queridos.

Ambas as propostas estavam em estudo, quando outro cooperador perguntou se não seria mais razoável tratar a questão pela justiça. Não seria justo tentar medidas de muito carinho, porque os príncipes se mostravam endurecidos, mas também não convinha corrigi-los com excessivo rigor, em vista de serem jovens com reduzida experiência da vida.

O Rei Sábio e Generoso considerou a idéia excelente e, com aprovação geral, deliberou aplicá-la. Finda a reunião, enviou dois juizes para acompanharem permanentemente os príncipes; o primeiro encarregar-se-ia de fazer as retificações possíveis e o segundo estaria incumbido de reconduzi-los à presença paterna, para julgamento necessário, em momento oportuno.

O PRIMEIRO JUIZ

OBEDECENDO às ordens do Pai Amoroso e Justo, o primeiro juiz aproximou-se dos príncipes, efetuando as corrigendas possíveis.

Os descuidados herdeiros do Grande Rei não lhe observaram a chegada de modo direto, mas sentiram-lhe a presença nas atividades comuns. Retificando os caminhos dos aprendizes, o primeiro juiz era obrigado a fazer muitas coisas desagradáveis, como o pedreiro amigo e cuidadoso que, para tornar a pedra útil, é forçado, muitas vezes, a espancá-la com o martelo.

Numerosos príncipes e princesas começaram então a reconhecer que andavam em caminho errado. Muitos concluía que fazer inimigos não representava prazer; que, afinal de contas, havia um poder muito mais alto que o deles, governando o Universo. Grande parte modificou a vida.

Em verdade não viam com os olhos do corpo o emissário que o Soberano lhes mandara. Entretanto, o primeiro juiz trabalhava sem cessar, acordando-lhes a consciência adormecida. Obri-

gou-os a meditar nas origens divinas da Escola; estimulou-lhes a curiosidade, a fim de reconhecerem que se encontravam de passagem no educandário maravilhoso, e fê-los olhar a luz celeste em que se banham os impérios resplandecentes do Poderoso Senhor, para que se sentissem menos vaidosos e mais aplicados ao estudo e ao trabalho cotidiano.

Desde então, os príncipes encontraram no primeiro juiz um educador de primeira ordem e um companheiro admirável para a jornada de retornos às leis do Amoroso Pai.

O SEGUNDO JUIZ

O trabalho do segundo juiz era mais difícil, mais doloroso. A missão do primeiro julgador perdurava até ao instante em que os príncipes eram obrigados a deixar o uniforme envelhecido ou roto. Aí então começava o serviço do segundo. Ele devia mostrar aos filhos ingratos o erro em que se haviam comprometido, com toda a franqueza, depois de encerrada a oportunidade de serviço e estudo.

Os herdeiros do Grande Rei, todavia, quando foram entregues ao segundo julgador, a fim de receberem a verdade e a luz para tornarem aos braços paternos, estavam com os olhos cheios de treva e as mãos tintas de sangue, os pés revestidos de lodo e o coração cercado de espinhos, mormente todos aqueles que haviam fugido ao auxílio do primeiro juiz retificador. Estavam cegos e tontos. Não sabiam que rumo escolher. A consciência parecia-lhes uma casa incendiada. Os príncipes tão ricos e tão desventurados, agora só sabiam chorar.

O segundo juiz revelou-lhes o abismo em que se haviam precipitado.

Dedicado e bom, como sempre, o Poderoso Pai veio ver os filhos sofredores; entretanto, os príncipes não o viram, nem lhe ouviram a voz pelo estado lastimável em que se achavam.

Compadecendo-se dos jovens, o Rei Sábio e Bondoso desculpou-os e, chamando os conselheiros, determinou que os filhos amados voltassem à grande escola, guardados de perto pelos dois juízes, recomeçando o aprendizado da sabedoria e do amor para a redenção.

De novo, o velho narrador fez longa pausa, para concluir:

- Desde então, os aprendizes regressam ao educandário, utilizando os mesmos uniformes para adquirirem a virtude e a elevação.

A ESCOLA SUBLIME

CIPIÃO interrompeu-se, como se houvesse terminado a narrativa. Contemplou o céu azul onde vagueavam avermelhadas nuvens do crepúsculo. O vento leve da tarde acariciava-lhe os cabelos brancos...

As crianças conservaram-se em profundo silêncio, aguardando-lhe os comentários.

Decorridos alguns instantes, o velhinho amparou-se no cajado, buscando talvez energias novas, e informou e tom diferente:

- Esta, meus bons amiguinhos, é a história que eu soube haver Jesus contado, um dia, aos pequenos de Cafarnaum. Em torno dele, acotovelam-se filhos dos mais diversos lares. Eram as crianças descendentes de judeus e romanos, gregos e etíopes que o escutavam. Meninos que vinham de todos os credos e de todas as casas, sequiosos de seu carinho e ensinamento.

E, após nova pausa, fixou nos ouvintes o olhar doce e calmo, prosseguindo:

- Fui informado, ainda, de que Jesus, atendendo às solicitações das crianças que Lhe ouviam a narrativa, esclareceu que a grande escola é a Terra, o mundo maravilhoso em que vivemos, cheia de flores perfumadas e de luminosos horizontes, e que Ele, nosso Divino Mestre, vinha ao encontro dos príncipes, em nome do Poderoso Pai, a fim de ajudar a todos na restauração da concórdia e do trabalho, da alegria e do entendimento.

OS PRÍNCIPES

O ANCIÃO ia continuar, quando o pequeno João Veloso, que seguira toda a história, atentamente, ansioso por explicações, interrogou com intensa curiosidade:

- Vovô, quem são os príncipes, filhos do Grande Rei?

- São os humanos – respondeu o ancião, sem hesitar –, os homens e as mulheres do mundo, donos de sublimes riquezas que não sabem aproveitar.

Cipião pensou um momento e continuou:

- Para sermos mais claros, devemos proclamar que os príncipes somos todos nós, que viemos a esta grande e abençoada escola, que é a Terra, obedecendo às ordens da Providência Divina... Aqui encontramos a bênção do dia e da noite, do trabalho e do repouso, com mil oportunidades de conquistar a sabedoria e a luz, a elevação e a santidade... Desde o primeiro dia de luta, recebemos a carinhosa assistência de nossos pais. Crescemos entre dádivas sublimes da Natureza, com todas as facilidades que o Poderoso Senhor nos concedeu. Apesar disso, porém, embora a beleza e a glória do educandário a que fomos conduzidos pela Bondade Celestial, por algum tempo, a fim de que possamos adquirir conhecimento e virtude, perdemos quase todo o tempo na preguiça e, orgulhosos, acreditamos-nos senhores da Criação... Quase sempre começamos em pequeninos a fugir de nossos deveres, a desprezar o trabalho, a esquecer os estudos que nos tornarão mais sábios e melhores, a oprimir a Natureza, a olvidar os direitos do próximo e, por isso, esbarramos na cegueira da descrença, nas feridas do mal, no frio do desânimo ou nas destruições da guerra...

ESCLARECIMENTOS DE CIPião

O bondoso velhinho parecia haver terminado, mas Dolores, a pequena estudiosa, cravou nele os olhinhos brilhantes, segurou-lhe nervosamente as mãos, e tornou a perguntar:

- Vovô, não é possível explicar tudo? Jesus não teria falado mais alguma coisa? quais eram os monstros que enganaram os príncipes? quais são os juizes que vieram da parte do Grande Senhor?

O narrador sorriu, visivelmente satisfeito com a interrogação, e comentou:

- Não cheguei a saber se o Divino Mestre prestou esclarecimentos finais às criancinhas de Cafarnaum; mas, de acordo com informações que recebi, farei a interpretação para vocês.

E, com voz pausada e firme, explicou:

- O Rei de todos os reis, bom e altíssimo Senhor, é Deus, Nosso Pai de Infinita Bondade.

Os impérios resplandecentes são os sóis numerosos e os numerosos mundos que se equilibram na imensidade, dos quais podemos fazer ligeira idéia, contemplando o firmamento iluminado.

Os príncipes, necessitados de sabedoria e amor, são os homens e as mulheres da Terra, herdeiros divinos da Criação.

Os conselheiros e cooperadores do Poderoso Senhor são os Espíritos Sábios e Benevolentes que nos auxiliam, em nome d'Ele, em todos os caminhos da vida humana.

A bendita escola construída para a educação dos príncipes é a Terra em que habitamos.

O vigoroso foco de luz, junto o qual foi edificado o nosso educandário, é o Sol que nos sustenta a vida física.

A lâmpada suave e enorme é a Lua.

As árvores e as ervas, as flores e os frutos, bem como os animais de variadas espécies, são os auxiliares dos herdeiros felizes.

Os rios e estradas constituem as comunicações que o Pai nos concedeu a fim de aproximar-nos uns dos outros.

O lar confortável é a casa acolhedora que nos abriga no mundo.

O uniforme ou roupa dos príncipes é o corpo carnal que varia de cor na Europa, na América, na Ásia e na África.

Os conselheiros monstruosos que os aprendizes criaram para si mesmos chamam-se orgulho e vaidade, egoísmo e ambição, ciúme e discórdia.

A rebeldia comum dos herdeiros, na escola terrestre, revela-se no propósito de dominar os semelhantes, através da maldade e da guerra, em que todos os poderes da inteligência são utilizados.

O primeiro juiz por Deus é o sofrimento, que procura espertar a consciência adormecida; o segundo é a morte, que reconduz a alma às realidades do Grande Senhor.

A cegueira, que impediu o retorno dos filhos aos braços amorosos do Soberano Pai, é a treva do mal que se apodera do humano, destruindo-lhe a visão e o entendimento.

O regresso aos uniformes tão caridosamente autorizado pelo Rei Poderoso e Bom, a fim de que os príncipes recomecem o aprendizado, é a lei divina da reencarnação, com a qual aprendemos, em contacto com o sofrimento e com a morte, os sagrados princípios da fraternidade, da justiça, do amor, da concórdia, da paz e do perdão.

TERMINANDO A HISTÓRIA

O velhinho calou-se, contemplando as crianças, que se mostravam risonhas e satisfeitas. A história fazia-lhes sentir a grandeza da vida e apontava-lhes o glorioso porvir.

O Sol já se despedira do vasto horizonte azul e o vento frio começava a soprar fortemente.

Cipião amparou-se no cajado velho, levantou-se devagarzinho e, olhando a criançada com um sorriso bom, terminou a narrativa, aconselhando:

- Tenhamos todos muito cuidado em evitar o mal e muita alegria em praticar o bem... Todos nós, meus filhos somos príncipes necessitados de educação na escola da Terra. Alguns, como eu, vestem uniforme mais velho, mas vocês estão começando as lições, vestindo roupa nova, forte e bonita...

Todos os meninos sorriram contentes e o ancião concluiu:

- Espero que vocês todos, de hoje em diante, saibam viver neste mundo como verdadeiros filhinhos de Deus.

Psicografia - **Chico Xavier**

O LOBINHO VEGETARIANO

Tia Mara

Toni era um Lobinho pertencente a uma família de lobos maus. Porém, ele era diferente dos outros de sua espécie. Tom não nutria sentimentos de maldade dentro de si.

Quando todos iam caçar, procurava sempre se esconder, pois adorava admirar a natureza e colher morangos silvestres.

Todas as tardes os lobos se reuniam para contar suas façanhas. Nessa hora, Toni se calava, pois tinha receio de demonstrar seus sentimentos. Seus irmãos diziam orgulhosos:

- Hoje corri atrás de uma família de coelhos e devorei quase todos!

Lobinho ouvia tudo com tristeza. Não conseguia imaginar-se agindo daquela maneira, e pensava: "Puxa, se eles descobrirem o que realmente eu gosto de comer, vão me expulsar".

Assim o tempo foi passando e Toni foi crescendo, porém magro, e isto preocupava o pai, que dizia, alertando sua companheira:

- Lobinho precisa caçar carne gorda.

- Meu bem - disse a companheira, deixe o Lobinho passar alguns dias com seu irmão, o Lobão, quem sabe ele não volta gordinho e esperto.

- Boa idéia! - concordou o pai.

Então Toni seguiu viagem, mas temeroso, pois não sabia como poderia enganar seu tio Lobão, afinal ele era o melhor dos lobos caçadores.

Durante a viagem, Tom orava e pedia a Deus que o iluminasse para que o tio não descobrisse os seus gostos alimentares.

Já no meio do caminho, Lobinho encontrou uma coelha, que, quando o avistou, saltou assustada para dentro de um buraco de uma árvore.

Lobinho parou diante da árvore e disse a Coelhinha:

- Por que foge de mim? Não vou lhe fazer mal algum.

A Coelha, tremendo de medo, colocou meio focinho para fora do buraco e disse:

- Você deve ser louco! Onde já se viu um lobo não comer coelhos!

Lobinho sorriu e disse:

- Claro que não sou maluco. É que não gosto de caçar e nem de comer carne. Vivo de frutas silvestres... - e começou a contar a sua história.

Foi assim que a Coelha se tornou amiga de Lobinho.

Toni foi seguindo viagem e logo às margens do riacho avistou a casinha de seu tio Lobão. Quando bateu na porta, ouviu uma voz rouca:

- Quem é que ousa perturbar meu descanso?

- Sou eu tio Lobão, Toni.

- Entre sobrinho.

Lobinho viu seu tio Lobão deitado entre os cobertores. Estaria doente? -pensou.

- O quê houve tio?

- Estou doente sobrinho. É que esses dias comi uma coelha que estava prenha.

Quando Lobinho ouviu aquilo, quase desmaiou, mas não podia chamar a atenção, e falou:

- Vou cuidar de você tio. Vou preparar uma boa sopa de legumes e fazer uma vitamina de morangos silvestres.

Lobão quis ficar bravo, mas não conseguiu, de tão fraco que estava.

Assim, durante alguns dias, tio Lobão ficou aos cuidados de seu sobrinho.

Numa linda manhã, Toni teve uma surpresa: nem bem o dia havia amanhecido e seu tio estava curado e bem disposto.

- Sobrinho, hoje vamos caçar!

Lobinho entrou em desespero. O que iria fazer? E se o tio descobrisse o seu segredo!

- Vamos, sobrinho, à caçada!

Já no meio da floresta Lobinho quis despistar o tio, mas não conseguiu. Envolvido em seus pensamentos, ouviu o tio dizer:

Olhe Lobinho, uma boa caça!

Toni reconheceu a Coelha sua amiga, e pôs-se a orar.

Quando o tio já ia pulando sobre a caça, Lobinho gritou:

- Tio Lobão, esta deve ser da família daquela, lembra-se... ,

O tio começou a passar mal só de pensar no seu sofrimento, e desistiu.

Lobinho teve que ficar cuidando do tio por mais tempo e, aos poucos, com jeitinho, foi acostumando-o a viver de maneira mais simples e a ter uma alimentação mais natural. É claro que o tio continuou sendo o Lobão mau, mas agora já não comia tanta carne como antes.

Crianças:

Muitas vezes, para conseguirmos ajudar ao próximo, é preciso esconder o que realmente somos e as nossas virtudes, para não ofender e nem ser rejeitado. Não é mentir, mas reservar a verdade para a hora certa. E nem devemos ter medo, pois Jesus ampara e ilumina quem tem fé e deseja ser bom.

Ação Espírita – Edição 48

CORAL HUGO GONÇALVES EM BRASÍLIA

Integrando o Centro Espírita Allan Kardec de Cambé e a Comunhão Espírita de Brasília, o Coral Espírita Hugo Gonçalves esteve participando nos dias 23 e 24 de outubro de 1999 do Festival de Coros de Brasília.

Recebidos com muito carinho pelos confrades da casa, como se fossem velhos amigos a se reencontrarem, os integrantes do Coral puderam constatar o grande trabalho espírita que se realiza na capital do país.

Constatou-se também o grande respeito e admiração que se tem de Hugo Gonçalves em todos os recantos deste país, quando os amigos espíritas, já à entrada da cidade, aguardavam com uma faixa de saudação.

E o coral Hugo Gonçalves, que tem apenas dois anos de existência, fez uma apresentação digna da casa que representa, participando juntamente com coros mais experientes, mostrando seu trabalho grandioso, fruto de seu empenho e dedicação, tendo recebido muitos aplausos.

Aplausos que devem ser levados a todos esses espíritas, que em um ato de união confraternizam através desta arte que é o canto coral, unindo corações e a Doutrina de Kardec, em prol de um mundo mais fraterno e mais irmão. Parabéns a todos que participaram desse evento grandioso que foi o FESTIVAL DE COROS DE BRASÍLIA, organizado pela Comunhão Espírita de Brasília, aproximando o movimento espírita do Brasil.

(José Gonçalves de Oliveira, de Cambé).
O IMORTAL - DEZEMBRO DE 1999

A OSTRINHA PERSISTENTE

Anna Vello Gaviolle

Era uma vez, uma ostrinha que morava dentro de uma concha, presa a um rochedo nas encostas do mar.

Um dia se formou um grande temporal, com muito vento, e o vento fez com que se formassem ondas muito grandes, que batiam no rochedo com grande violência, pondo em perigo a segurança da ostrinha.

E a ostrinha lutava muito para continuar firme no rochedo; porque as ostras ficam presas no rochedo por fiozinhos que são criados pela própria natureza.

As ondas eram muito violentas, batiam com muita força ocasionando o desprendimento de um pedaço de rocha indo atingir a concha; causando um pequeno ferimento na ostrinha.

A ostrinha chorou de dor, vertendo uma pequena lágrima, que ficou “guardada” dentro da concha.

Apesar da dor, a ostrinha não desanimou, não perdeu a fé, continuou a segurar-se na rocha, até que o temporal passou e o mar se acalmou.

E o tempo foi passando.

E aquela lágrima, que ficou guardada na sua concha, foi se transformando, até ficar uma linda pérola, perfeita e brilhante!

Se a ostrinha, tivesse perdido a fé, ela teria se desprendido da rocha e teria morrido no fundo do mar.

Mas sua coragem foi maior, e hoje ela é a ostrinha mais feliz daquela rocha, porque traz dentro de si uma pérola maravilhosa como prêmio de seu esforço, de sua luta para vencer.

Assim a ostrinha nos mostrou que a persistência nos faz vencer as dificuldades, e que a dor é o remédio que muitas vezes necessitamos para vencer, e que se não fosse aquele pequeno ferimento que lhe deu ocasião de verter uma lágrima, hoje ela não teria aquela pérola valiosa fruto de sua dor e de sua persistência.

A Nova Era – 15/04/1990

Transcrição Joel e Aida

JUCA LAMBISCA

A VINDA DE JUCA

Francisco Cândido Xavier
Espírito Casemiro Cunha

Rabugento e malcriado,
Esperto como faísca,
Era um menino guloso
O nosso Juca Lambisca.

Toda hora na despensa,
Pé macio e mão ligeira,
O maroto parecia
Um rato na prateleira.

No instante das refeições,
Afligindo os próprios pais,
Ele comia depressa,
Repetindo: - Quero mais!

Gritava: - Quero mais peixe!
Quero mais leite e mais pão!
Quero mais sopa no prato,
Mais arroz e mais feijão!

D. Nicota falava,
Ao vê-lo sobre o pudim:
- Meu filho, escute! Você
Não deve comer assim.

Mas o Juca respondão
Gritava, erguendo a colher:
- A senhora nada sabe;
Eu como quanto eu quiser.

Na escola, Juca furtava
Pastéis, bananas, pepinos,
Tomando à força a merenda
Das mãos dos outros meninos.

A vida do nosso Juca
Era comer e comer...
Mas foi ficando pesado,
E a barriguinha a crescer...

Gabriela, a companheira
Da cozinha e do quintal,
Falava, triste: - Ah! meu Juca,
A sua vida vai mal!

Não valiam bons conselhos

Do papai ou da vovó,
Fugia de todo estudo,
Queria a panela só...

Espíritos benfeitores,
No lar em prece, ao seu lado,
Preveniam, caridosos:
- Meu filho, tenha cuidado.

Mas, depois das orações,
O nosso Juca, sem fé,
Comia restos de prato
Na terrina ou no cuité.

A todo instante aumentava
A grande comedoria,
Sujava a cozinha e a copa,
Procurando papa fria.

Um dia, caiu doente,
E o doutor João do Sobrado
Receitou: - Este garoto
Precisa comer regrado.

Mas alta noite ele foge...
E, mais tarde, a Gabriela
viu que o Juca estava morto
Debruçado na gamela.

Muito triste o caso dele...
Coitado! Embora gordinho,
O Juca morreu cansado
De tanto comer toucinho.

A VOLTA DE JUCA

Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira

Desencarnado, o Lambisca,
Na vida espiritual,
Estava do mesmo jeito
E o barrigão tal e qual.

Acorda num campo lindo...
E agora, que não mais dorme,
Vê muita gente a sorrir
Por vê-lo de pança enorme.

Tem a impressão de trazer
O peso de um grande bumbo.
Quer levantar-se, porém
A pança cai como chumbo.

Juca xinga nomes feios...
Faz birra, choro e escarcéu
E pede com gritaria:
- Eu quero subir ao Céu!

Surge um Espírito amigo,
Carinhoso e benfeitor,
Que o recolhe com bondade
Nos braços cheios de amor.

Deu-lhe as mãos e disse: - Filho,
Levante-se, cale e ande...
Ninguém sobe à Luz Divina
Com barriga assim tão grande...

Mas o Juca, revoltado,
Ergue os punhos pesadões
Contra tudo e contra todos,
A murros e pescoções.

Depois berra: - Esta barriga
É grandona, mas é minha!
Eu quero comer no tacho,
Quero morar na cozinha!

Multidões surgem a ver
O menino barulhento.
E o Juca, com pontapés,
Aumentava o movimento.

Um sábio aparece e fala:
- O Lambisca não regula,
Enlouqueceu de repente
De tanto cair na gula.

Foi preciso, então, prendê-lo...
Amarrado e furioso,
O pequeno parecia
Um cachorrinho raivoso.

Os Protetores, após
Guardá-lo em corda segura,
Oravam, dando-lhe passes,
Com bondade e com doçura...

Viu-se logo o olhar do Juca
Fazer-se brando, mais brando...
O menino foi dormindo
E a barriga foi murchando...

Os amigos decidiram,
Assim como um grande povo,
Que o Juca a fim de curar-se
Devia nascer de novo.

Lambisca a dormir, coitado,
Ele – tão forte e mandão,
Renasceu, muito pequeno,
Um simples bebê chorão.

E para esquecer a gula
Cresceu doente e magrinho...
Só bebia caldo leve,
Sem feijão e sem toucinho.

PLUMA AZUL

Pluma Azul é uma bonita andorinha. Vocês sabem o que é uma andorinha? A andorinha é um lindo pássaro.

Pluma Azul construiu seu ninho no telhado da casa de Maria Paula, e lá chocou seus ovos. Nasceram oito andorinhas.

Quando os filhotes já estavam grandinhos, Pluma Azul levou-os para darem seu primeiro vôo. Os filhotes gostaram muito de voar pelo céu azul, pousar nos galhos das árvores e nos arbustos floridos. Ao voltar com seus filhotes para o ninho, Pluma Azul viu que faltava uma andorinha.

O que teria acontecido ao bichinho?

Pluma Azul foi procurar a andorinha perdida. O filhotinho estava preso entre os galhos da mangueira, no quintal de Maria Paula. Mamãe Passarinho bateu as asas bicou os galhos, tentando libertar seu filhote. Mamãe Passarinho não conseguiu e ficou nervosa. Piou muito tempo, tentando resolver o problema. Maria Paula passava por ali e ouviu os tristes piados de Pluma Azul.

Ao chegar, percebeu logo o que havia acontecido.

- Oh! Coitadinho do filhote! Vou já soltá-lo, disse a bondosa menina.

E assim dizendo, trepou na mangueira e retirou cuidadosamente o filhote, trazendo-o salvo. Pluma Azul ficou tão feliz, que cantava e pousava nos ombros de Mana Paula, voando ao redor de sua cabeça. Era a sua forma de agradecer o bom gesto da menina.

Pouco depois, Pluma Azul voava, levando para o ninho o filhote que se perdera.

Maria Paula ficou a observar, surpresa, como os pássaros ficam felizes quando encontram quem os proteja e ampare.

Fonte: Evangelização Infantil - Vol. II

Transcrito do “Verdade e Luz” Abril 1999